



# EMBRULHOS

UM MEMORIAL DE DENTRO PARA FORA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB



**Embrulhos: Um memorial de dentro para fora**

Nome: Fernanda Barbagelata Figueira  
DRE: 117078073

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado com grau \_\_\_\_\_ em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

---

**Prof. Dr .Pedro Meyer Barreto – Orientador(a)**  
Centro de Letras e Artes (CLA)

---

**Prof. Dr. Cezar Tadeu Bartholomeu**  
Centro de Letras e Artes (CLA)

---

**Profa. Ma.Claudia Figueira de Almeida**  
Centro de Letras e Artes (CLA)



### CIP - Catalogação na Publicação

B363e Barbagelata Figueira, Fernanda  
Embrulhos: Um memorial de dentro para fora /  
Fernanda Barbagelata Figueira. -- Rio de Janeiro,  
2024.  
78 f.

Orientador: Pedro Meyer Barreto.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2024.

1. Pintura. 2. Cor. 3. Casa. 4. Apagamento. 5.  
Memória. I. Meyer Barreto, Pedro, orient. II. Título.



# Agradecimentos

Aos meus pais, que sempre viram potencial em mim e que num lar de exatas sempre apreciaram as artes. Ao meu pai, Saliel, que sempre foi paciente e me encorajou durante todo este tempo. À minha mãe, Olga, que sempre me incentiva a fazer o melhor para mim.

Às minhas amigas de infância, Telma e Mariane, que me fazem sentir em casa onde quer que eu esteja. Agradeço todo encontro, conversa e apoio que são sopros de ar fresco na minha vida.

À minha amiga, Maya, que por mais longe que esteja, me acompanhou todos estes anos.

À minha tia, Creuza, e à minha irmã, Sofia, artistas como eu.

À minha psicóloga, Lívia, nunca teria chegado aqui sem seu auxílio.

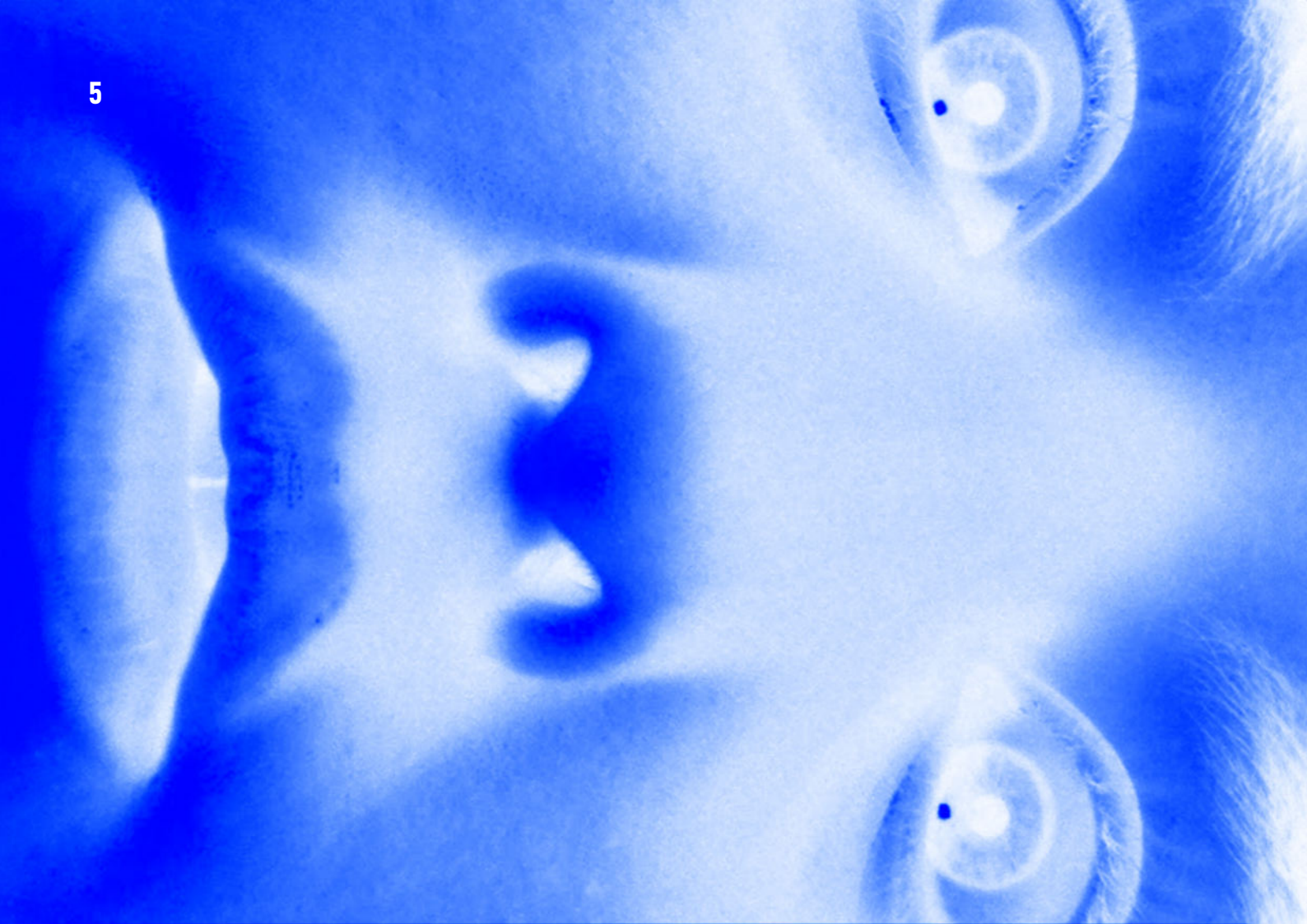
Ao meu grupo de D&D, que proporcionou um constante na minha vida e que me forçou a engajar criativamente nos momentos que mais necessitava.

À todos os colegas e professores que me ajudaram mais do que jamais saberão. Toda troca foi essencial ao meu trajeto.

Ao meu orientador, Pedro Meyer, pela paciência e apoio.

Aos meus gatos, Bester e Tiberius e em especial Eddy, que esteve ao meu lado em todas as minhas conquistas mas infelizmente não verá esta. Todo dia penso sobre ti.





# Resumo

Este memorial apresenta a trajetória da minha produção artística durante a graduação e como cheguei na narrativa que desenvolvo em minha arte no presente. Este processo se encontra inicialmente em pensamentos exteriores que não foram expressados diretamente em meus trabalhos mas que os influenciaram mesmo assim, a partir do ponto em que encontro esta incongruência entre o que eu expressava e o que deixava de expressar esta pesquisa passa a se desenvolver intencionalmente. Ao longo deste processo o fenômeno da autocensura é explorado com o uso de diferentes elementos metafóricos, materiais e técnicas; assim encontrando seus componentes centrais: a cor, a casa e o apagamento.

**Palavras- Chave:** Pintura, Cor, Casa, Apagamento, Memória.

# 2017

Was my [redacted] a traitor?  
Ay, that he was.  
What is a traitor?  
Why, one that swears and lies.  
And be all traitors that do so?  
Every one that does so is a traitor  
and must be hanged.



(Trecho de Macbeth, tirado da primeira foto que tirei após a minha primeira aula na EBA)





Queria trazer como introdução da poética que encontro em meus trabalhos algo que aconteceu no início do meu período acadêmico que acredito que ilustra bem o fenômeno que é representado em minha arte, e é um acontecimento que também se torna o início de uma longa linha narrativa quando visto em retrospectiva. Quando me deparei pela primeira vez com a pergunta “que arte você quer fazer?” eu descobri um conflito severo sobre o quanto entregar de si mesma neste processo. Até aquele ponto praticamente toda arte que fazia era derivativa de alguma forma, como fanarts, brincadeiras feitas com amigos, e arte feita puramente para treino de técnica requerida por cursos de desenho.

Como a maioria dos adolescentes que entram na faculdade, com a mudança de ambiente drástica tive o sentimento de que deixei muito para trás. Sendo isto o que estava em primeiro plano na minha mente, o que aconteceu neste semestre foi tentar explorar ao máximo esta perda. Ainda sem muita referência de como um processo de criação pode se parecer, as imagens que reproduzi foram encontradas na internet, sem muita edição, e mesmo ainda sem muitas ferramentas tentei representar o melhor possível o que estava sentindo: Uma figura deitada sozinha, rodeada de gatos. Uma figura sentada ao lado de alguém com uma caixa em sua cabeça. Uma figura bebendo champanhe sozinha em frente ao computador. Uma figura olhando para fora da janela. Uma figura se sufocando com um travesseiro. Uma figura sentada olhando a porta de casa fechada. Uma figura comemorando seu aniversário sozinha.





A PARTIR DAQUI MUDEI MUITA  
POÉTICA, ENTÃO AS IMAGENS MUDAM  
BASTANTE E NÃO TEM MUITA COERÊNCIA  
COM AS QUE APARECERAM ATÉ  
ESTE PONTO

O que me surpreendeu após passar metade deste semestre retratando esta emoção foi uma ânsia crescente de desistir desse caminho. Quando olhei para a pergunta “que arte você quer fazer?”, a resposta foi impulsiva, um expelir de emoções que borbulhavam a mais tempo que imaginava e, com o mesmo nojo que se olha para o chão depois de vomitar, olhei para aqueles trabalhos que não passavam de estudos de cor e sombra.

Para me distanciar do que havia acabado de fazer encontrei uma direção que posso descrever como já tendo quatro paredes, contida, uma idéia praticamente pronta para uso e, o que achava naquela época, nada a ver com o que estava retratando antes. Este próximo assunto que resolvi tratar foi “*Sonder*”, um termo vindo de um dicionário de palavras inventadas para emoções sem nome, que significa o sentimento repentino que todas as pessoas à sua volta tem uma história que você não conhece.



## Sonder

*“n. the realization that each random passerby is living a life as vivid and complex as your own—populated with their own ambitions, friends, routines, worries and inherited craziness—an epic story that continues invisibly around you like an anthill sprawling deep underground, with elaborate passageways to thousands of other lives that you’ll never know existed, in which you might appear only once, as an extra sipping coffee in the background, as a blur of traffic passing on the highway, as a lighted window at dusk.”<sup>1</sup>*

Olhando para trás nesta época acho irônico decidir esconder, ou desistir de expor, algo que estava dentro de mim para então retratar um fenômeno que basicamente gira em torno de imaginar o que está dentro de pessoas desconhecidas. Talvez de forma inconsciente eu me via nestas pessoas: alguém que ninguém, ou pelo menos o espectador da obra, tem idéia de quem seja, e procurava inspirar outros a imaginarem o que se passava na minha cabeça, já que eu mesma não estava disposta a apresentar estes pensamentos para ninguém. Mas diferente das pessoas que escolhi retratar: pessoas com histórias de vida incríveis e grandes conquistas e talentos; eu era só uma adolescente que tinha recém feito 18 anos tentando procurar um equilíbrio entre o que estava escorrendo para fora de meu cérebro e o que eu deixava respingar na tela para ser apresentado no final do período acadêmico.

---

1 KOENIG, 2013. Disponível em: <https://www.dictionaryofobscuresorrows.com/post/23536922667/sonder>. Acesso em: 4 de abril, 2023.



2018





Embora meus esforços de novamente recomeçar a minha poética, porque supostamente não gostava do que estava fazendo, a narrativa continuou sem meu consentimento. Claramente ainda estava interessada em retratar de alguma forma o exterior e interior de pessoas, no semestre anterior via isto com exemplos reais, pessoas incríveis vivendo seus dia a dia, mas não era possível entender a história destas pessoas sem acessar essa informação fora das pinturas, então no próximo trabalho procurei uma nova forma de representar esse “eu-interior” que acabou se mostrando na forma do interior de suas casas, temática que anos depois se tornou fundamental em meus trabalhos. Neste semestre criei estes personagens que seguiam algum tipo de estereótipo e os representei em seus quartos que contradiziam tudo que sua aparência externa representava nos olhos da sociedade. Foi uma ideia levemente desajeitada, e provavelmente com bem menos nuance que era necessário.

Eu ainda sentia esse medo de beirar muito o pessoal. Era uma dança na verdade: querer representar algo real, mas usando cenários e personagens hipotéticos. Cheguei a usar uma amiga de referência, tentando criar uma ponte nesse conflito. Acredito que lidar com o meu trabalho utilizando, metaforicamente, uma vara de 10 metros, não querendo encostar de fato no assunto, foi prejudicial até mesmo a profundidade que as obras conseguiam alcançar. Por isso pretendo mostrar somente seus estudos de cor, assim como os do ano anterior, por mais que sejam um bom contexto para os trabalhos seguintes, não de fato cabem no conjunto como um todo.

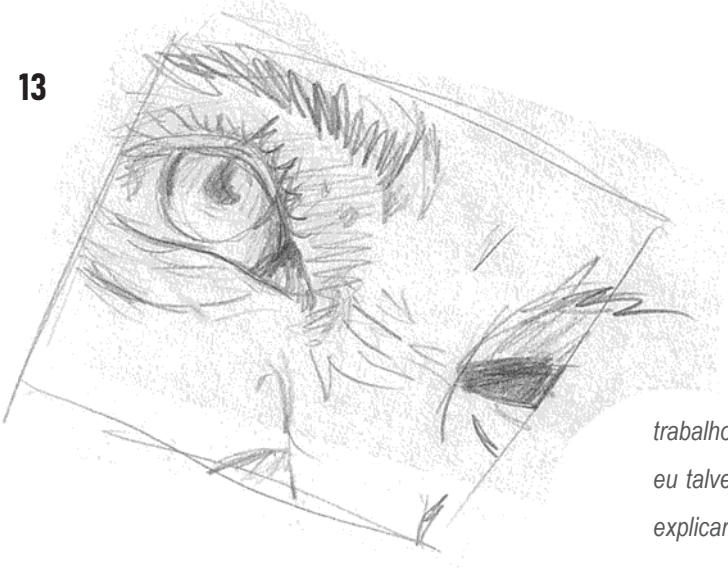




*“Todos os artistas já passaram pela experiência de, ao fim do dia, cansados, esgotados, e certos de jamais conseguirem expressar sua imaginação, resolverem desistir e iniciar algo novo no dia seguinte.”<sup>2</sup>*

No segundo semestre deste ano joguei tudo pra cima. E quando digo “tudo”, quero dizer tanto a narrativa criada nos últimos dois semestres quanto a pequena tentativa de abraçar o que realmente queria falar sobre. Fiz pela primeira vez em um ano rascunhos de pinturas que voltariam a um assunto verdadeiramente pessoal, mas o mais interessante foi a minha inspiração ser na situação em si de não conseguir falar sobre algo, ao invés do algo propriamente dito. Ao invés de tentar comunicar, por exemplo, a falta de rumo que senti ao entrar na faculdade, retratei nestes desenhos a dificuldade de falar sobre isso. Figuras sem bocas, rostos enroscados por videiras, gargantas sangrando, pessoas vomitando, figuras se costurando como bonecas perdendo o algodão de enchimento, e eu me encontrei na representação de transbordar. Mas mais uma vez não consegui seguir com esta narrativa. Ainda era um assunto muito sensível e admito que não recebi bem críticas, ou sugestões, após apresentar pela primeira vez esta ideia.



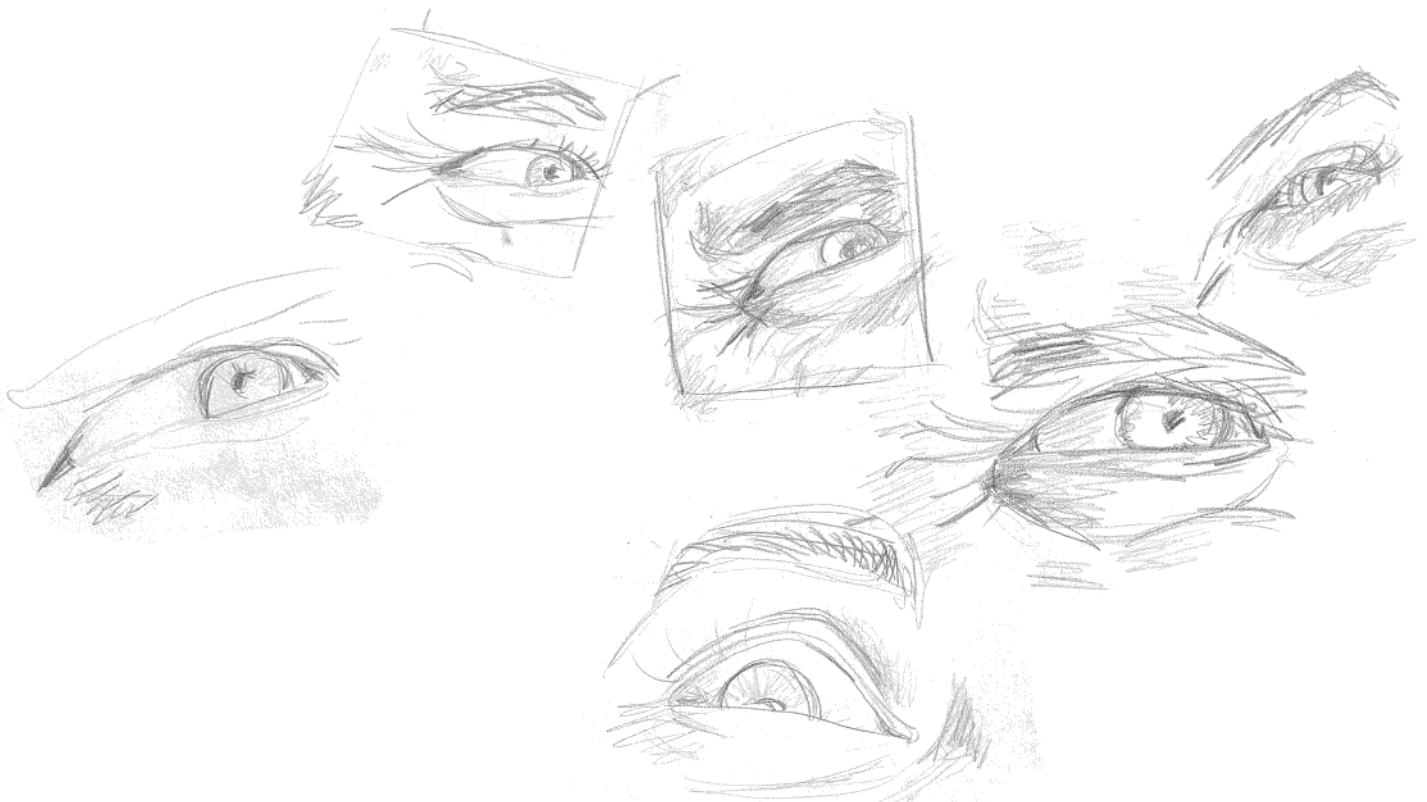


*“Eu queria um assunto pessoal /Mas fazer esse trabalho envolve dizer sobre o que você esta trabalhando /E eu talvez esteja pronta para fazer o trabalho /Mas nao para explicar ele”*

*(Notas de diário, 11/8/2018 23:35)*

Dito isso, mudei meu foco para outra coisa que me incomodava, que era a minha habilidade com pintura em si, falei para mim mesma que este semestre não me importaria com o significado por trás de nada que iria fazer, somente me focar em trabalhar no meu domínio sobre tinta óleo. Minha poética foi “Cor como representação de emoções”, novamente algo de certa forma superficial, mas que iniciou outro fio narrativo que vejo ainda hoje em meus trabalhos, que é o interesse por significado das cores e o uso do monocromático.

Meu interesse não se manteve no aspecto histórico de significado das cores, como visto nessas pinturas: uma pintura de alguém sorrindo formado por principalmente amarelo e outras cores quentes porque é o que normalmente comunica felicidade. Mas foi um passo em direção a reconhecer como cores podem ser usadas de forma a evocar sentimentos, memórias e afetos.





*“Sem título”, 2018  
Óleo sobre tela, 60 x 60 cm*

---



*“Sem título”, 2018  
Óleo sobre tela, 60 x 60 cm*

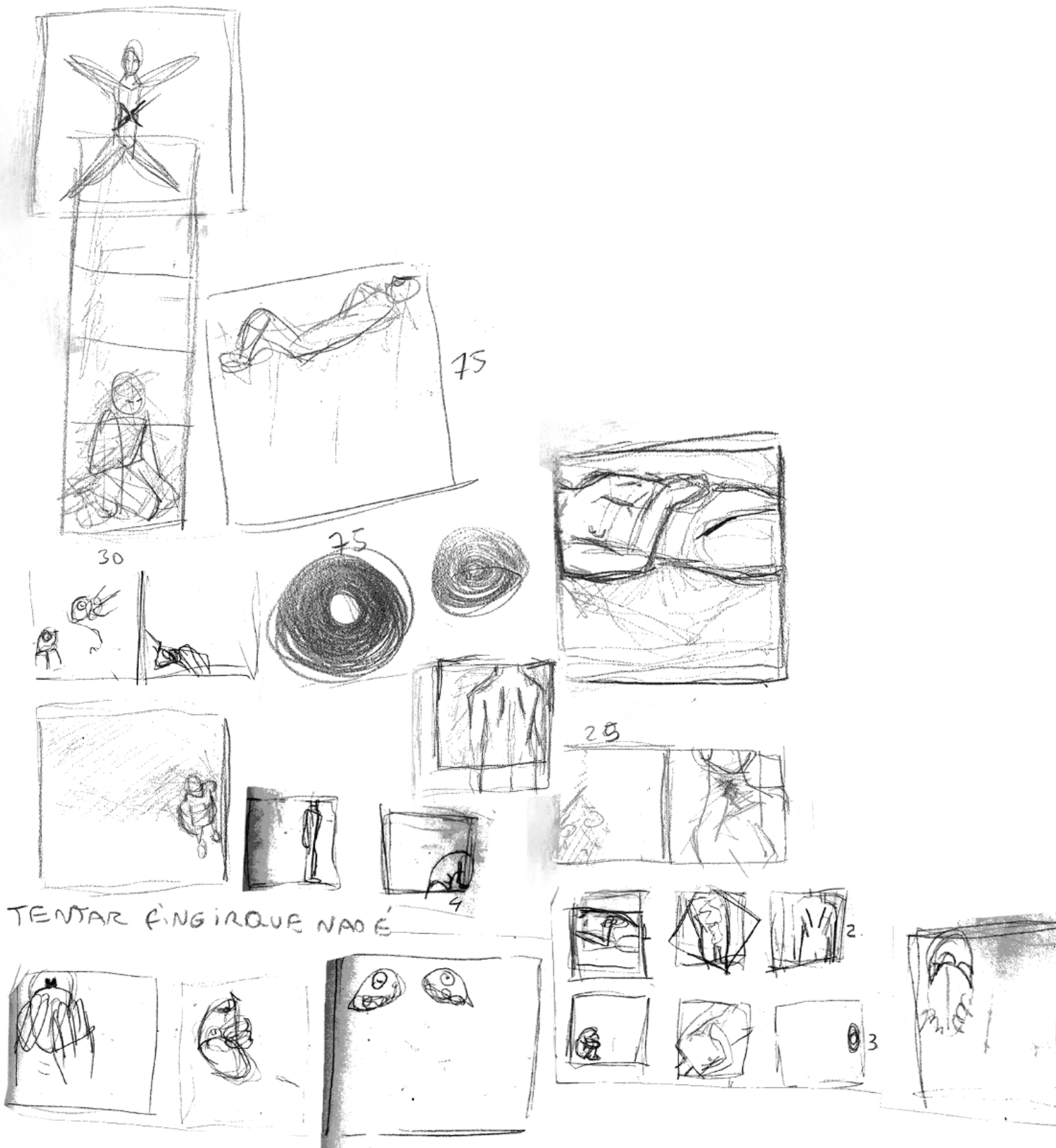
---



*"Sem título", 2018  
Óleo sobre tela, 100 x 80 cm*

---

# 2019





Neste semestre finalmente toquei de fato no assunto que queria. Ou talvez o que aconteceu foi que eu não conseguia mais fugir dele, ele me alcançou.

É muito difícil escrever sobre esse período, de várias formas não sinto que estava presente enquanto fazia esses exercícios, e ao mesmo tempo são os primeiros trabalhos que acredito serem completos. Usar a palavra “presente” neste contexto é interessante também, todas essas pinturas são uma representação de apagamento, e acho que a minha falta de presença no processo pode ter impulsionado esta narrativa de forma que não havia visto antes. Eu mergulhei no assunto da camuflagem, enquanto antes havia um foco nesta camada interior não revelada a camuflagem deu dimensão ao contexto em que este assunto reside, não é somente uma discrepância de personalidade e aparência mas um sentimento de necessidade de se fechar por fatores externos.

O que me fascinou com a ideia da camuflagem foi o ato de se esconder, a paranóia de estar em um ambiente em que a camuflagem seja necessária, o cansaço e a perda de si mesmo. Meu primeiro instinto foi levar essa ideia para um caminho naturalista, o mais comum quando se pensa na camuflagem, na flora e fauna, mas no processo descobri que a cor sozinha, uma camada lisa, se demonstrou uma ótima representação de uma entidade pesada e opressora.

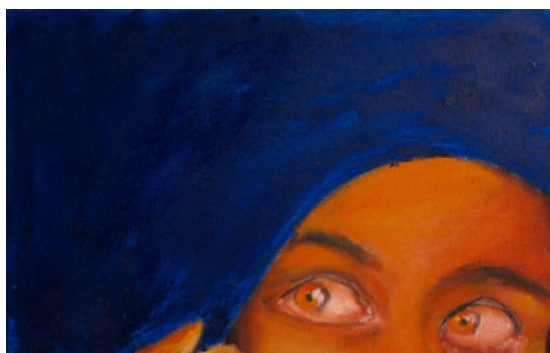




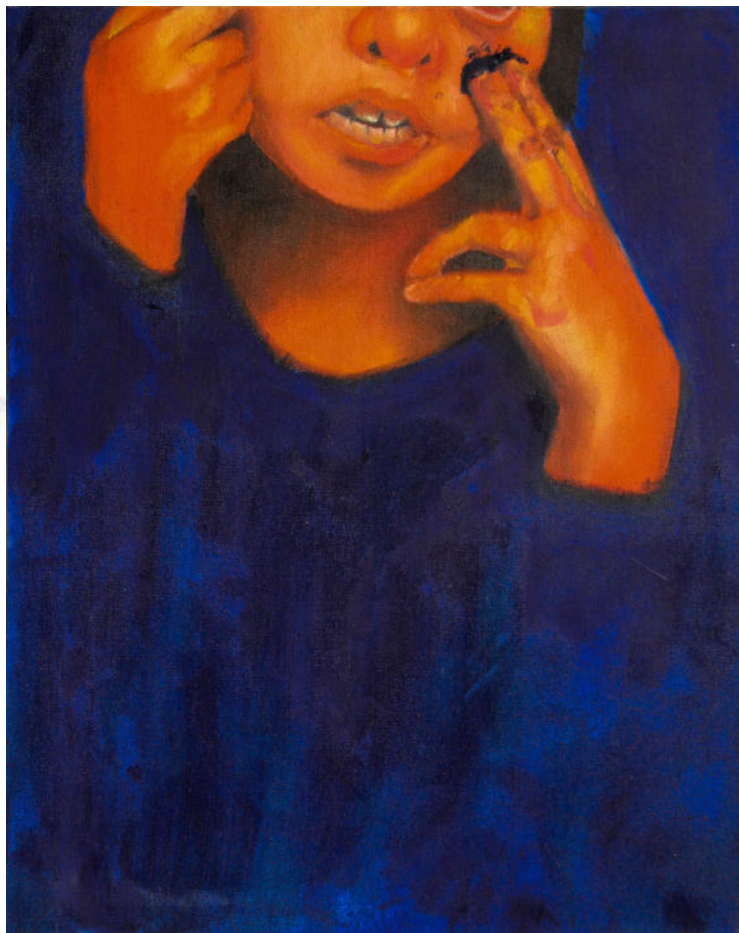
Uma grande parte deste trabalho se centrou em algum tipo de violência, não somente um apagamento mas uma destruição. Nas primeiras pinturas vemos a cena de um personagem laranja num fundo azul, na época fiz questão de usar cores complementares não somente pela estética mas por serem pigmentos que se anulam quando misturados. Somente algumas partes do seu corpo estão amostra, seu rosto, suas mãos e seus pés, e em sua mão há um bocado de tinta azul que é aplicado no rosto, quase como uma pintura de guerra, com o intuito de se misturar completamente ao fundo da tela.

Quando a pele já não é o suficiente vemos nas próximas pinturas estes personagens passando a tentar desfazer a cor que reside dentro de si também, comendo tinta, pressionando-a dentro de seus olhos. O próximo passo deste processo foi se submeter completamente ao fundo da tela, que representei com as figuras dentro de um tanque de tinta, completamente submersas e afogadas.

Por último encontrei a forma mais extrema deste ato quando o exercício da matéria pediu uma mudança de suporte, um suporte transparente foi a escolha natural para comunicar a idéia de apagamento. A tinta a óleo extremamente diluída em aguarrás sobre uma placa de acrílico reproduz a idéia de auto destruição em múltiplas camadas, a figura desaparecendo e se tornando literalmente invisível, a aguarrás corroendo tanto a figura quanto o material em que a figura reside.



Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 20 x 30 cm



Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 50 x 40 cm

---



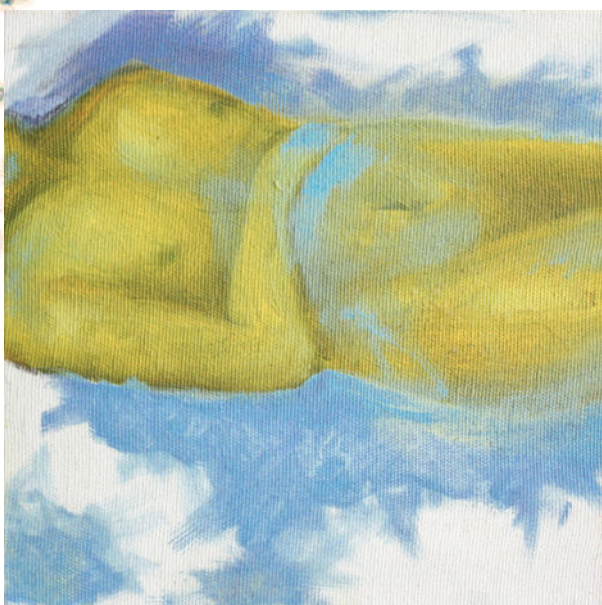
Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 40 x 50 cm

---



*Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 15 x 15 cm*

---



*Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 15 x 15 cm*

---



*Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 15 x 15 cm*

---



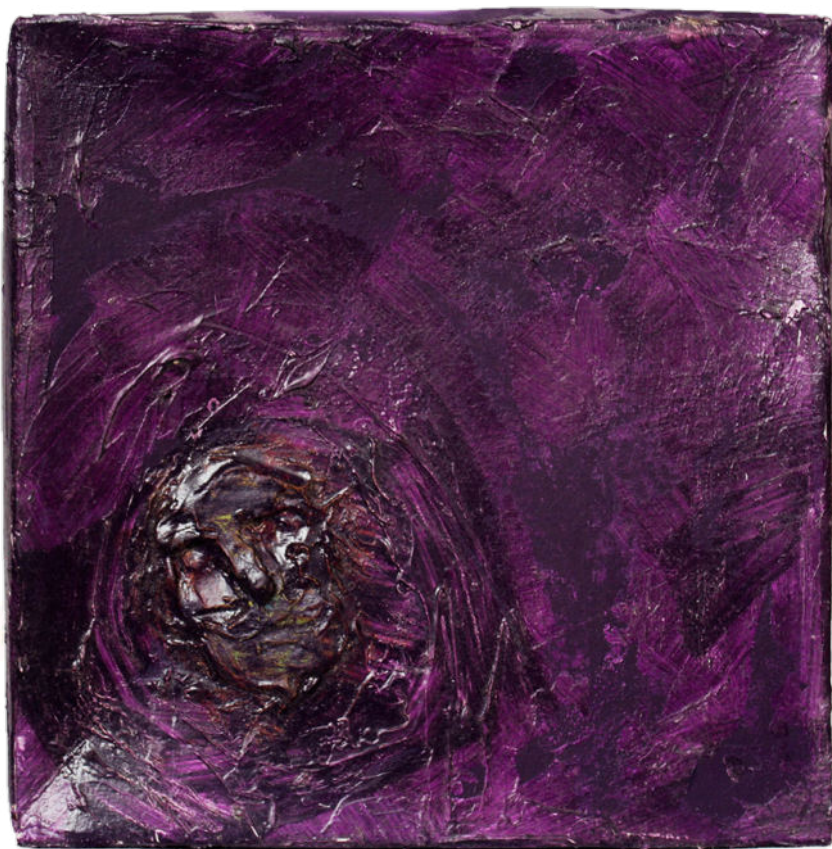
Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 60 x 60 cm

---



Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tela, 60 x 60 cm

---

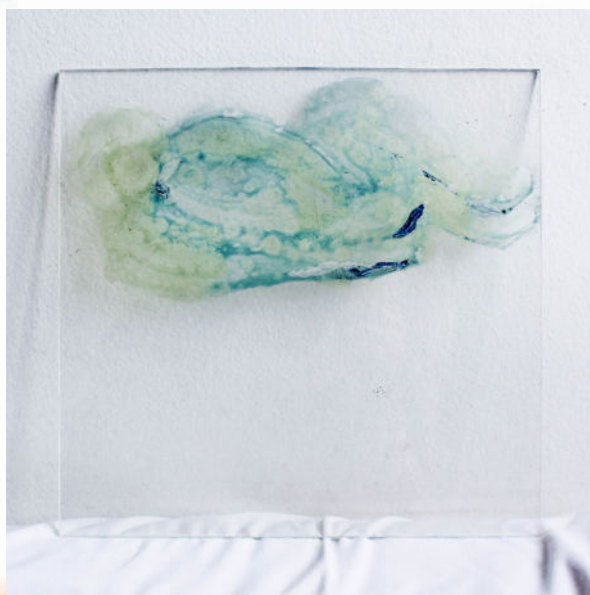


Da série "Camuflagem", 2019  
Técnica mista sobre papel, 30 x 30 x 30 cm



Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tampo acrílico, 75 x 25 cm

ERAVENTE



Da série "Camuflagem", 2019  
Óleo sobre tampo acrílico, 25 x 25 cm (cada)



quando você esta andando num túnel escuro tudo que você quer fazer é  
parar de andar

9:30 AM · Jul 13, 2019

*( Postagem em twitter pessoal )*

Mas como qualquer pessoa “não presente” numa situação em que é necessário dedicação, como a faculdade, no segundo semestre deste ano decidi trancar o curso.

Antes disso acontecer tive algumas poucas aulas de Pintura 4 com o professor Júlio Sekiguchi, onde um dos trabalhos que ele passa para os alunos é de se submergir em água, qualquer liquido, e produzir algo a partir do sentimento de estar num ambiente que não seja ar. Por não ter uma banheira em casa a idéia de realizar este experimento me passou uma preocupação forte, já que a outra opção seria passar por este processo que requiere algum nivel de exposição, no caso corporal, em um local público. Foi então que estes pensamentos me levaram a notar que já fazia muitos anos que fiz isso: mergulhar na água, mar ou piscina, sendo que era uma atividade talvez semanal quando era criança.



Nos meus trabalhos anteriores eu já tinha o elemento do líquido, ele era visto como tinta, mas quando a minha infância começou a entrar no processo o líquido passou a aparecer em formas variadas. Eu vi o ato de perder este hábito de nadar, dele virar não somente algo que não faço mas algo que evito a todo custo, como parte desta necessidade de esconder algo com a camuflagem.

Uma faceta da “morte” da infância é perder essa liberdade de expressão, quando se é criança não existe por muito tempo o medo da exposição. Este assunto é comentado ligeiramente em “A Poética do Espaço” de Bachelard pois para a maioria na infância não existe ter o seu próprio espaço, todo espaço em que você reside há também a sua família, ou qualquer adulto que esteja prestando atenção em o que você faz no momento, a intimidade é um conceito inexistente.<sup>3</sup>

O quanto mais se cresce se descobre regras da sociedade, se desde sempre você se acostumou a ser assistido pelos mais velhos agora você se sente julgado por eles. Os anos da adolescência são de certa forma iconizados pela descoberta da “vergonha” por causa disso, o aprendizado duro de que há um jeito “certo” de ser. Para a maioria das pessoas isso significa esconder partes não aceitáveis, ou tentar mudar completamente. No livro “A Coragem de Criar” escrito pelo psicanalista Rollo May, ele primeiramente divide diferentes tipos de coragem: a coragem física, moral, social e criativa; quando falando sobre a coragem criativa esta passagem da infância para a adolescência é mencionada, exatamente porque o processo de criação da criança, por um bom tempo, não é afetado por opiniões dos outros, é puramente um processo de experimentação e descobrimento.

*“Em lugar da inocência bem-aventurada, a criança experimenta agora ansiedade e sentimentos de culpa. Além disso uma parte desse legado é a noção de responsabilidade individual (...) O lado “sombrio” do processo é o aparecimento das repressões e, ao mesmo tempo, das neuroses.”<sup>4</sup>*

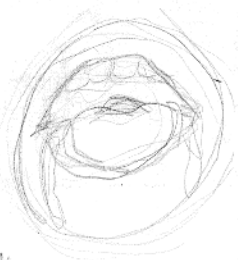
3 BACHELARD, 1978, p. 206

4 MAY, 1982, p. 28

NENHUMA  
RELACAO  
COERENTE E SEM  
coesao

IRRELEVANT  
DISPENSABLE  
UNWANTED

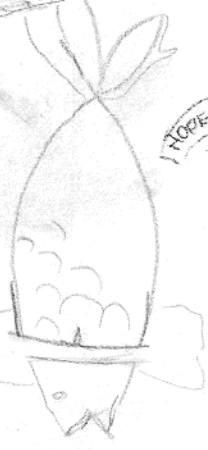
WHAT IS INSIDE



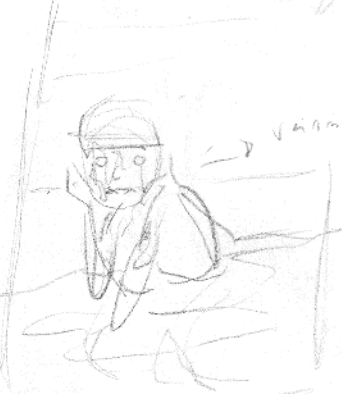
DEQUA SAO

AGUA?

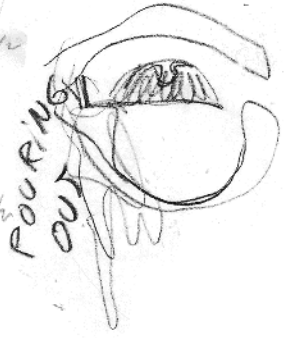
PISAR



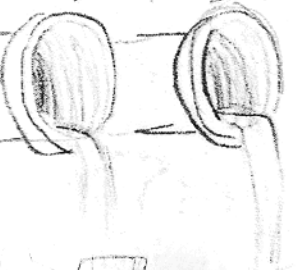
HOPEFULLY STOPPAGE



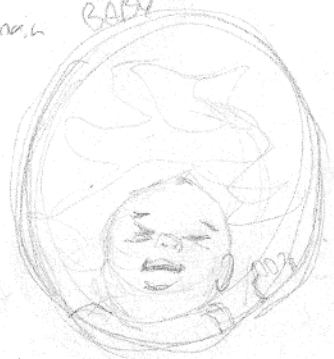
AGUA limpidas



PUT IT BACK



pink BABY



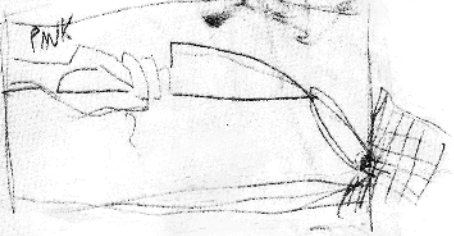
QUANDO QUE ALGO VIRA REALIDADE?

COMO ~~VOCE~~ ELAS  
SABEM SE  
SEMPRE FOI  
O MESMO?

ninguém quer ver alguém  
vomitar ou cuspir ou sangrar



HOPE



LIMPANDO PALAVRAS

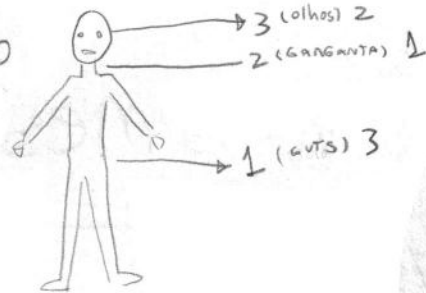


Alguns dos trabalhos que pensei sobre faziam referências diretas a fotos de quando era criança, no mar e na piscina. Ao mesmo tempo que trouxe fragmentos de memórias felizes, as ideias que partiram dessas imagens acabaram sendo mórbidas, com o corpo infantil na praia sendo envolto num tecido quase como um cadáver é transportado, ou numa foto em que sou um bebê na banheira desenhei um saco plástico sob a cabeça. Na época não havia colocado em palavras o que queria comunicar, mas inconscientemente representei a perda, ou talvez o luto da inocência e da infância bem literalmente. O líquido continuou aparecendo mesmo quando não mantive a conexão direta a infância, tive vários rascunhos com elementos de saliva, lágrimas, chuveiros, esgotos, inundações. Formas que ecoavam a minha conexão com o sentimento de transbordar na minha primeira tentativa de expressar este assunto em 2019.

Por muito tempo senti que esta época se manteve “presa” às páginas do caderno, foi um ano inteiro sem produzir nada que foi propriamente finalizado. Anos depois assisti L. Hansen se apresentar numa amostra de trabalhos da pós-graduação de artes da UERJ em que falou sobre a arquivologia de si, nesta apresentação criei um novo afeto sobre o meu caderno. Enquanto sentia que estes trabalhos não haviam valor no papel Hansen trouxe o argumento de Ana Kiffer de que o rascunho é tanto a obra quanto o trabalho final em si.

*“Ana Kiffer traz os cadernos como contra dispositivo, num universo simbólico em que é tido, ao contrário, como dispositivo de domesticação. O caderno como testemunho da obra, como o caminho para chegar a uma forma fixa, substância uma escrita sem mediação e, portanto, algo que supostamente deve ser editado em termos compreensíveis: remover falhas; preencher lacunas; narrar com sentido. E a ótica do rascunho, que só existe emparelhada com os códigos de normatização, na qual deve haver sempre um ensaio. O caderno como contradispositivo demonstra os modos de fazer, o como se faz; desmontando a obra, destacando a preparação e seus meios”<sup>5</sup>*

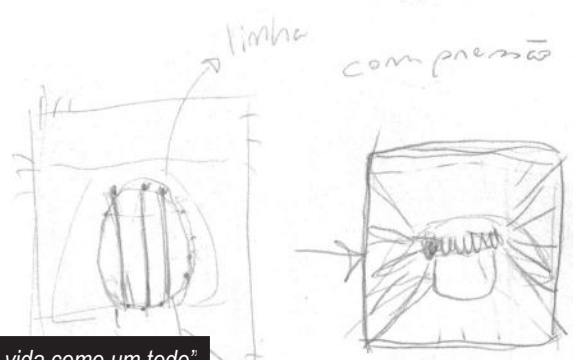
2019 foi complicado



# 2020



"Uma vez que a vida é obra, é preciso documentar a vida como um todo"  
- Anne Bénichou

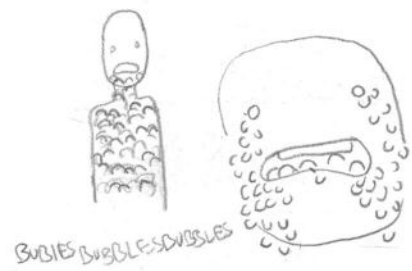


ESTE CADERNO DÓI

we are on a sinking ship

Algo Esta Enado

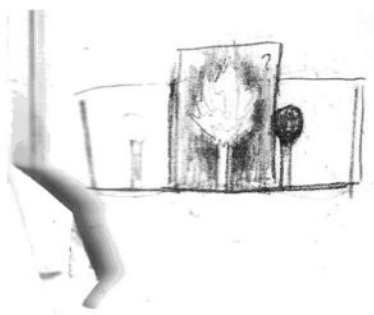
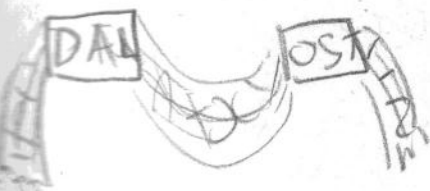
SEM  
CONTEXTO  
SEM  
COESÃO  
SEM  
TRADUÇÃO



EU/SOU VOCÊS  
EU/SOU O GRUPO  
EU NÃO SOU OS MEUS



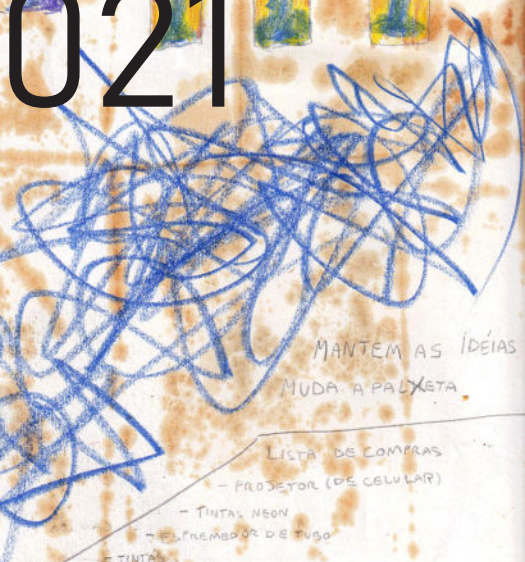
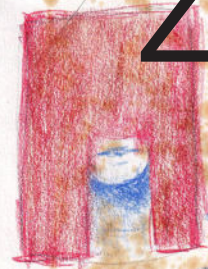
É preciso cortar antes de limar,  
entalhar antes de polir.



RESULTADO ✓  
 OR DA MUSICA ✓  
 CONJUNTO ESTÉTICO ✓  
 DETERMINADO ✓  
 COR DOMINANTE ✓  
 TRANSPARENCIA/OPACIDADE ✓  
 POLICROMIA ✓  
 TEMPO REALISMO ✓



# 2021



MANTEN AS IDÉIAS  
 MUDA A PALETA

- LISTA DE COMPRAS
- PROJETOR (DE CELULAR)
  - TINTAS NEON
  - FRENEDOR DE TUDO
  - TINTAS
  - Guilhotina de papel

Essa página mal existe

SÓ AGUARRAZ

SÓ SECANTE ?

SÓ ÓLEO DE LINHAÇA

ÓLEO DE LINHAÇA +  
 SECANTE +  
 AGUARRAZ  
 TRANSPARENTES NO  
 POTE

Pena...  
 Eu cobrei papel com óleo de canola  
 então esse est. plástico foi pro lixo

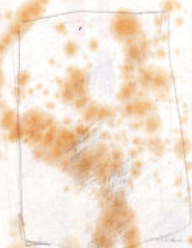
MAS FOI  
 ESSE  
 QUE EU  
 ESCOLHI

2  
 Transparencia e  
 opacidade



316  
 450  
 em  
 4

PROPOSTAS



Papel transparente  
 Tinta do lado errado  
 Frente de costas  
 AMARELO/AZUL



ONTEM  
 CON



1ª camada      2ª camada



apanha do lado  
 oposto sacou?

*“Tudo parece uma rachadura numa barragem, num dique / Eu só não quero perder o controle”*

*(Notas de diário, 15/1/2021 17:14)*



Quando voltei à aula de pintura, já estava com outro olhar para o meu trabalho como um todo, mas fiz questão de colocar para fora ideias que viveram na minha mente nos últimos anos.

Voltar foi uma tarefa difícil, acho que vi traços dessa “ferrugem” no trabalho intitulado “O que você quer”. O rascunho dessa ideia foi criado anos antes, um tecido maior que o chassi, uma representação bem simples do querer “caber” em algo, algum molde ou, nesse caso, numa moldura em que você claramente não cabe. Acabei misturando também uma referência de uma foto de quando criança e no meio do processo notei que algo não estava funcionando como esperava. Seja a rigidez do algodão cru grampeado no chassi pequeno ao invés de drapejar graciosamente, ou talvez de fato porque não segurava um pincel fazia muito tempo. A frustração sobre estes desvios no processo me fez soltar qualquer meta que tinha, qualquer ideal que já tinha criado nos múltiplos momentos pensando sobre este trabalho durante quase um ano de pandemia, e se tornou o que se tornou.

No final até mesmo estes tropeços couberam no que procurava dizer com esta pintura. O que foi preso ao chassi foi a parte da pintura que está fiel à referência fotográfica, e em volta, não emoldurados e não encaixados, foi meus devaneios que se mostraram nos momentos que joguei qualquer cautela ou busca de perfeição ou realismo pela janela e ao invés simplesmente criei.



*“O que você quer”, 2021  
Óleo sobre tela, 50 x 50 cm*

---

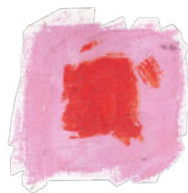


*“Envelhecendo” (Verso), 2021  
Óleo sobre papel, 17 x 14 cm (cada)*



*“Envelhecendo” (Frente), 2021  
Óleo sobre papel, 17 x 14 cm (cada)*

---



Pela primeira vez neste semestre vi a cor como uma possibilidade de filtro, não como uma ferramenta que necessariamente apaga completamente a figura da tela. Nos meus trabalhos em tampos de acrílico, onde trabalhei muito com tinta a óleo diluída, tive algumas páginas do meu caderno manchadas pela mistura, e com os anos que passaram elas amarelaram e ficaram levemente transparentes. Tendo pensado anteriormente sobre a passagem do tempo como uma parte da experiência da necessidade de camuflagem, este envelhecimento do material corrosivo no papel me inspirou.

Criei seis pequenas pinturas de olhos em papéis amarelados por óleo de linhaça, aguarrás e secante, e por cima uma camada de tinta carmim em formato de uma silhueta de cabeça. De um lado do papel não se vê corretamente por causa da tinta, do outro, a visibilidade é afetada por causa do envelhecimento do papel. Uma representação de filtros que são criados artificialmente e outros que acontecem naturalmente com o envelhecimento.





Durante esta época, enquanto removia todos os aspectos dessa narrativa que me atraíam - o esconder, a camuflagem, o desaparecer - houve uma frase que se repetia na minha cabeça: “Uma parede de cada vez, camada por camada e você não me vê mais”. Paredes são uma metáfora muito comum quando se fala de alguém fechado, ou alguém que passa a se distanciar de você, e foi uma idéia que me instigou porque remete não somente a rigidez dessa falta de comunicação mas também a uma construção dessa estrutura que deve acontecer para cortar esta troca entre pessoas, é um processo que leva tempo e esforço.

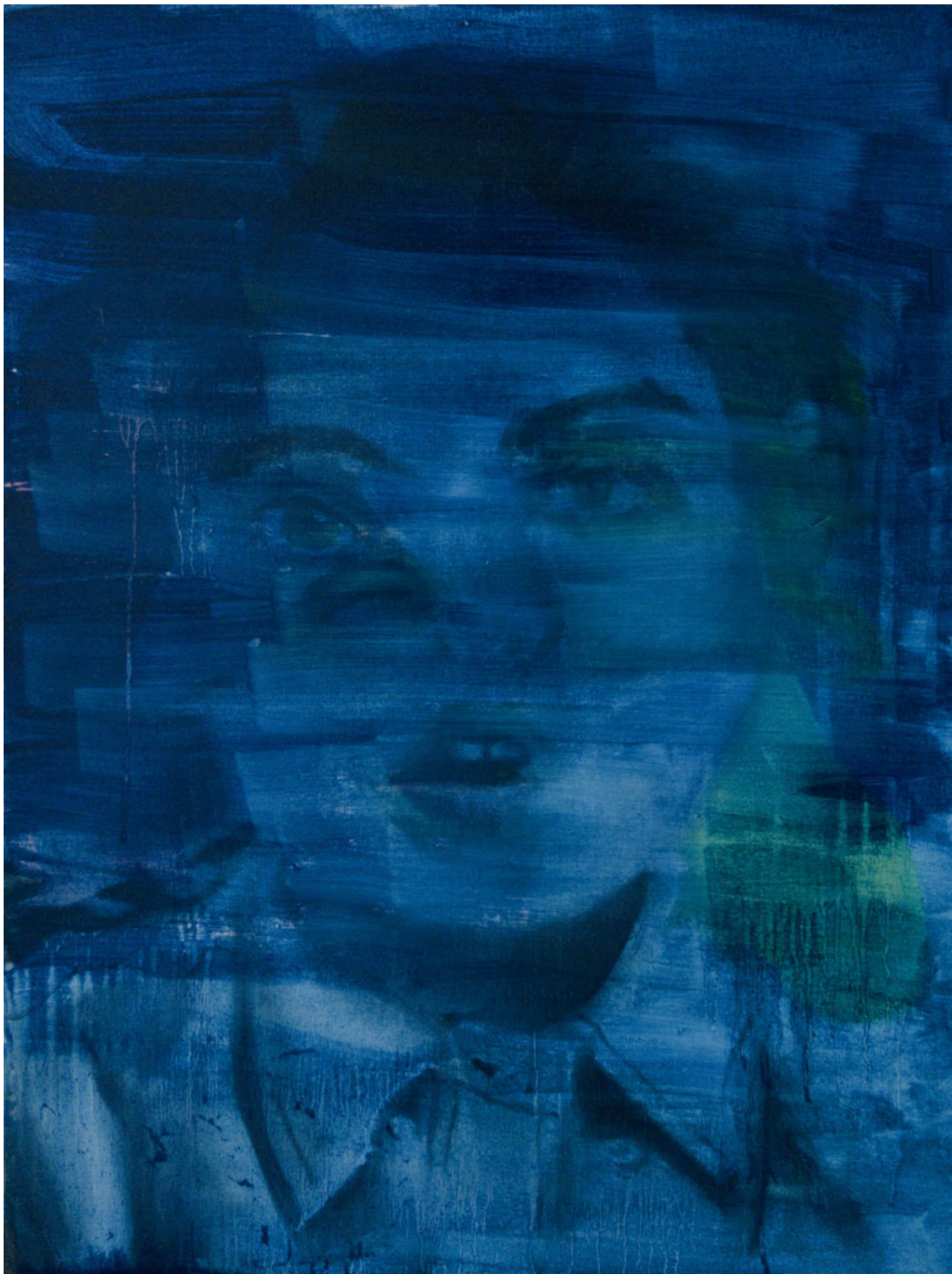
Desta frase então que nasceu a pintura “Me Autorretrato”. Este trabalho foi feito conjunto com um vídeo do processo de criação da pintura, a minha primeira intenção com este trabalho sendo de fazer uma projeção do vídeo deste processo por cima da tela em si, mas por não ser possível durante a pandemia, pela falta do espaço apropriado, só simulei esta idéia fazendo uma edição do vídeo. Este processo retratado é dividido em duas partes: a construção da figura e a construção das paredes. A construção da figura que é uma quimera de vários momentos diferentes, com referências diferentes feições vindas de fotos de datas separadas como peças de quebra-cabeça incompatíveis. A construção das paredes acontece após esta figura ser finalizada: ela é banhada com uma camada de tinta azul, diluída em aguarrás, que impede a informação desta camada anterior da pintura de sair da tela intacta.

O título do trabalho, “Me Autorretrato” me apareceu muito depois, mas acredito que também diz sobre a minha intenção. O “Autorretrato” quando lido desta forma pode lembrar o verbo “retrair” o que me remeteu ao grande arco da minha poética que é exatamente isso: se diminuir, se filtrar, se distorcer, para conformar com o que é esperado de si. Além disso acho interessante colocar essa responsabilidade em mim mesma, quando falo desse processo de modificação vale lembrar que é uma auto-modificação. Talvez o trecho omitido deste título é o: (eu) Me Autorretrato (para você).



(QR code para acesso  
ao vídeo “Me Autorretrato”)

---

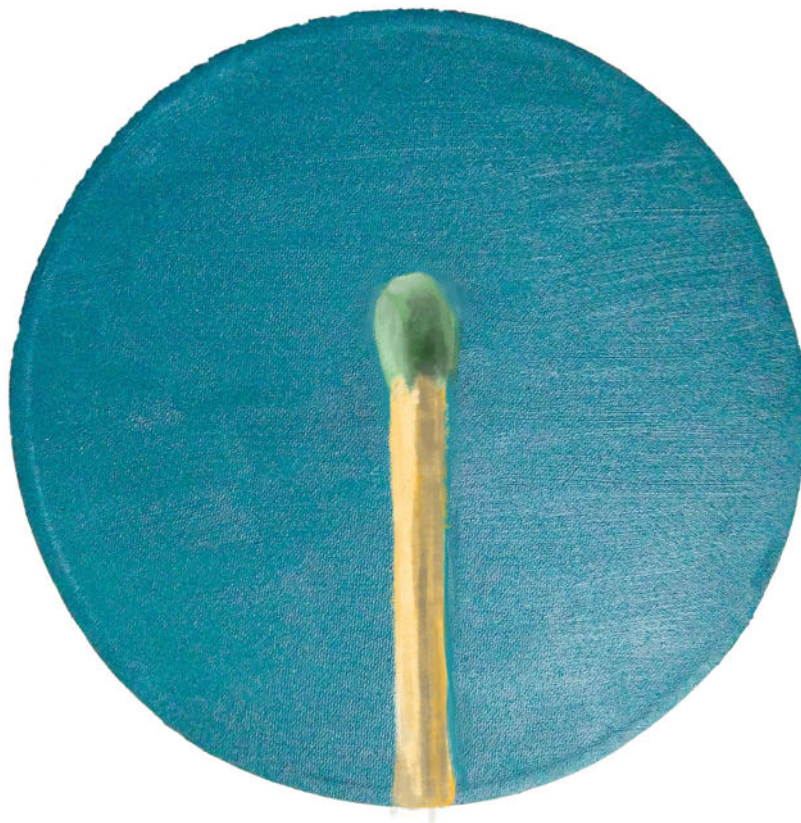


*“Me Autorretrato”, 2021  
Óleo sobre madeira, 80 x 60 cm*

---

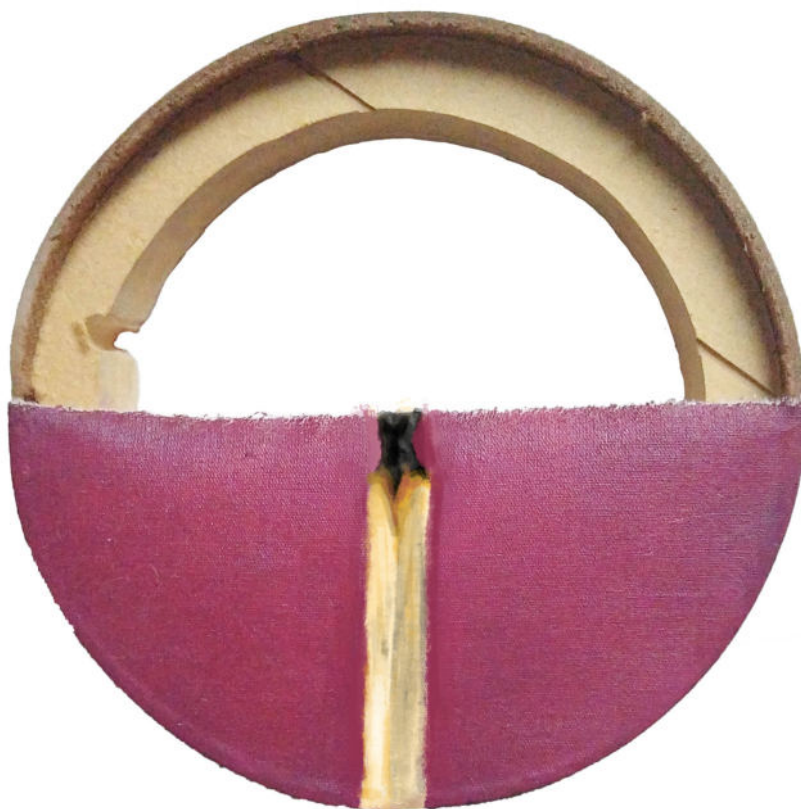


Ainda neste ano fiz um trio de pinturas com mais uma ideia que havia concebido anos antes. “Não sou um fósforo” é sobre rejeitar sentimentos, especificamente emoções negativas. Este ato é também um método de autodestruição, já que mesmo interpretadas como elementos “ruins” da vida a raiva, tristeza, medo.etc são naturais do ser humano sentir e reagir de acordo. Quando se corta este processo no meio - entre a sua mente, como você se sente, e o expressar destes sentimentos - é um dano irreparável. O fogo do fósforo é a utilidade dele, mas o fogo também é um símbolo de uma potência destruidora. Então quando se está preocupado em expressar qualquer coisa que possa incomodar, ou ainda pior, machucar outras pessoas, a resposta a um objeto como o fósforo é de cortá-lo ao meio.



Série “Fósforos”, 2021  
Óleo sobre tela e arte digital, 20 x 20 cm

---



Série "Fósforos", 2021  
Óleo sobre tela e arte digital, 20 x 20 cm (cada)

---

2022



5





*“A intimidade requer coragem porque o risco é inevitável. Não é possível saber logo no início, de que forma o relacionamento nos irá afetar. Crescerá, transformando-se, em auto-realização, ou nos destruirá? A única coisa certa é que, se nos entregarmos totalmente, para o bem ou para o mal, não sairemos ilesos.”<sup>6</sup>*

Neste ano vi algumas pontas soltas de trabalhos muito antigos se tornando novamente relevantes na minha produção.

Toda aula em que é necessário algum tipo de apresentação, o aluno é deparado com o questionamento do que é o fundamental na arte própria, ou: O que faz da sua arte, a sua arte? A base da sua narrativa, um ponto em comum. Toda vez que era necessário lidar com o passado da minha arte era um problema, me trazia dúvidas e medo. Quando na minha arte eu represento um trepidar no momento de se expor, isso se aplica não somente a vivência como pessoa, mas como artista em si. Acredito que a todo momento estava pronta para desistir de falar sobre qualquer assunto íntimo porque como a maioria dos artistas a arte é parte de mim, o fazer algo com as minhas mãos traz a sensação de simplesmente ter me esticado para fora do meu corpo, e se eu condeno algo que criei ser ruim, é porque também sou - como Bénichou aponta *“uma vez que a vida é obra(...).”*<sup>7</sup> Tive vários momentos na graduação em que reneguei minhas antigas artes, mas agora mostro elas porque sei que elas dão contexto para a linha de pensamento em que me encontro hoje.

Sempre tive muito interesse em diferentes materiais, processos que vão além da tinta sobre tela, parcialmente porque minha habilidade com a pintura nunca parecia ter impacto suficiente, pelo menos não como eu esperava. Neste ano me aprofundei mais neste meio e o que despertou o meu interesse mais que tudo era encontrar significado nestes outros materiais. Afinal, já tinha tido essa experiência, mesmo que me limitando a materiais mais tradicionais: aguarrás como algo que destrói, a tinta como algo que cobre, o chassi que emoldura, o algodão a ser rasgado. Desde que pinte sobre tampo de acrílico sonhei com aquela transparência.

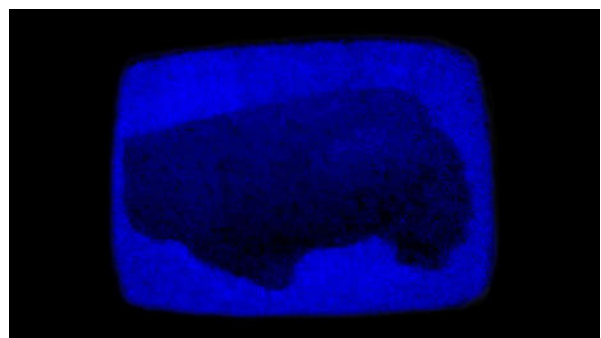
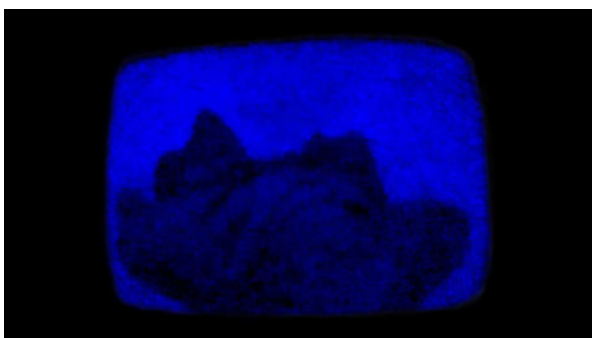
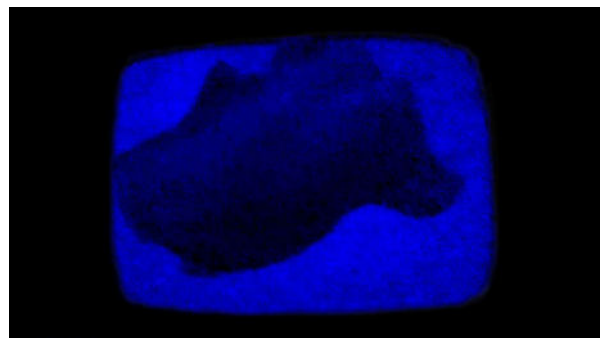
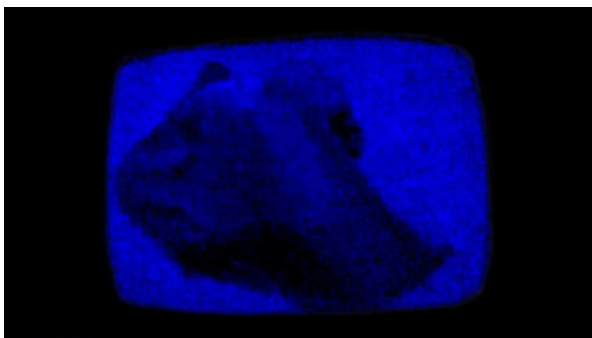


*(QR code para acesso ao vídeo "Cíclico")*

---

Com o exercício do tema "continuidade" uma imagem imediatamente me veio em mente. Eu já havia utilizado o termo "ciclo" quando explicando a narrativa por trás das minhas ideias para professores e outros alunos, mas esta imagem especificamente era algo que somente em diários eu descrevia. Eu vejo a cama como a epítome da zona de conforto, mas em momentos em que se é difícil sair da cama, se mover e sair de casa, a cama se torna também um espaço dentro do seu próprio lar em que existe um ressentimento sobre. Quando fiz o trabalho "Cíclico", quis remeter a este sentimento de se sentir preso e de certa forma engolido por este espaço. No vídeo a figura está coberta por um tecido azul, num ambiente também completamente azul. Ao se revirar na cama a figura também expressa este sentimento de sufoco que sempre procurei demonstrar em outros trabalhos com o tema de auto repressão.

Eu passei os stills do vídeo para a tinta sobre acetato, amarrados uns aos outros como um rolo de filme, e especificamente numa fita de moebius, que é o objeto geométrico que inspira o símbolo do infinito para retomar a idéia de algo cíclico. Também fiz a decisão nestas pinturas de deixar a área em que o corpo estava vazada, a figura estando coberta por um tecido torna estas áreas completamente amorfas, estes dois elementos combinados potencializando o sentimento de "não-estar" nestes ciclos de não conseguir sair da cama, da casa .etc





*"Cíclico", 2022  
Acrílico sobre acetato, 20 x 70 cm*

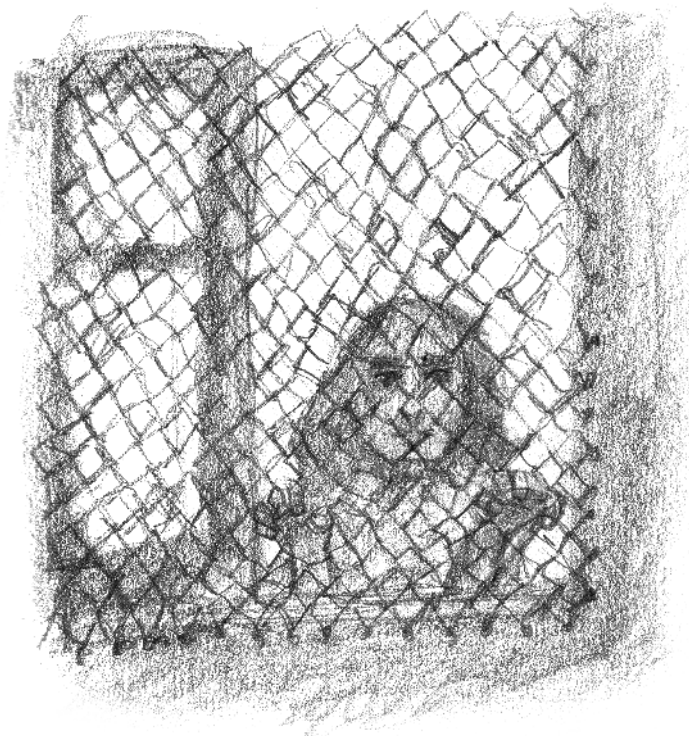
---

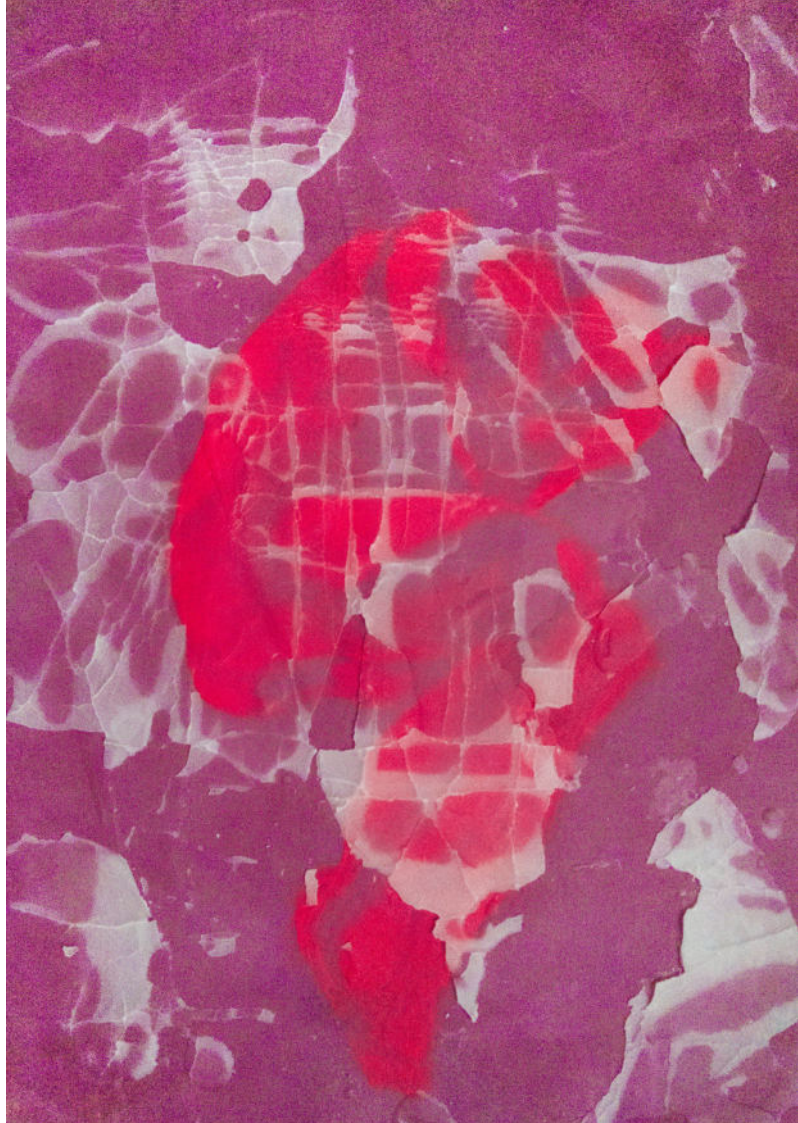




A série “Janelas” foi involuntariamente enganchada no exercício anterior. Minha primeira intenção era utilizar a cera de vela derretida como mais uma forma de filtro, eu acreditava que se comportaria de forma mais uniforme, e a imagem não respiraria tanto entre rachaduras. O que aconteceu na realidade me lembrou vidro quebrado, e por causa deste novo elemento se tornou um trabalho muito mais interessante do que a minha meta inicial porque, pensando na narrativa que foi criada com o trabalho “Cíclico”, uma quebra de janela representa melhor uma oportunidade para escape de uma situação aparentemente infinita do que meras rachaduras. As figuras reveladas por trás da cera foram, também coincidentemente, figuras deitadas, como se em suas camas, em seus quartos.

Estes dois trabalhos foi onde vi a volta, depois de muito tempo, da casa como um uma fonte de inspiração. É importante lembrar que eles foram criados durante os anos da pandemia quando a própria casa era a maior parte do que se via. Eu pessoalmente cheguei a passar seis meses sem sair, e são nestes momentos em que não há mudança entre os dias da semana, e as horas do dia começam a se mesclar, que é possível notar tudo que há de errado. Então a casa é muito confortável, ela é muito segura, mas pode ser sufocante e representar tudo o que não está podendo experimentar fora dela e tudo que poderia ser melhor dentro dela também, e daí que muitos dos meus trabalhos se formaram.





Série "Janelas", 2022  
Técnica mista sobre papel, 29 x 21 cm (cada)

---



Refletindo sobre filtros de cores, na mesma época que pensava sobre a frase “camada por camada”, houve um material que me veio em mente porque se conectava muito à narrativa que tecia: O papel de presente . Pela primeira vez experimentei com papel celofane no trabalho do exercício de tema “Novo”, em que reaproveitei uma pintura antiga, daquelas que representavam emoções exatamente para então aplicar um filtro (de cor) sobre a emoção representada, que neste caso era uma mistura de pavor e raiva, lembrando a pintura que já havia feito sobre auto-policar este tipo de sentimento explosivo.



*“Sem título”, 2022  
Técnica mista sobre tela, 60 x 60 cm*

---



*“Para você”, 2022  
Técnica mista sobre madeira, 120 x 20 cm*

---

Mas com o papel de presente me aprofundei de verdade quando fiz o trabalho “Para Você”. Cinco retratos em cores fluorescentes, envoltos em papéis de cores diferentes, transparentes mas tão cobertos que em muitos nem mesmo é possível ver a figura. Foi interessante para mim explorar este lado da “interação” que pesquiso entre alguém que se diminui em prol do conforto do outro. Acredito que até então me foquei muito na dor do processo o que me trouxe trabalhos de cunho violento, quando na realidade estas relações entre pessoas são em geral baseadas em ser “educado”, em não incomodar. São ações feitas de certa forma com a intenção de ser um gesto gentil, generoso, mesmo que tenham afinal um impacto negativo em quem se submete á ele.

A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a long horizontal stroke.



Ainda procurando experimentar com o meio do vídeo, produzi dois trabalhos inspirados diretamente pelo primeiro capítulo do livro *Cromofobia* de David Batchelor. Estes vídeos não foram criados tão intencionalmente, diria que nem foram criados pensando que iria mostrá-los um dia para alguém, muito menos que entrariam na minha dissertação. Posso chama-los de estudos ou experimentações, porque foram somente impulsos de criação após começar a ler *Cromofobia*, impulsos que já não via a muito tempo, já que passava anos só conseguindo criar de começo ao fim trabalhos solicitados por professores em aulas. Dito isso, acho interessante o quanto vejo meus devaneios sobre trabalhos anteriores nestes vídeos, mesmo que involuntariamente.



*(QR code para acesso ao vídeo "Endless like an Egg")*

O livro começa com o primeiro capítulo intitulado "Paisagens em Branco" tratando da cor (ou falta dela) dentro da temática da arquitetura, o que me inspirou quando vi conexão com os trabalhos que tinha feito no começo do ano que rondavam a ideia da casa. A citação que me levou a fazer o primeiro vídeo é em referência a uma casa de estilo minimalista que David Batchelor passou por, e escreveu este devaneio sobre, que acredito evocar os mesmos sentimentos de opressão que procurava retratar em meus trabalhos sobre camuflagem, uma camada de cor sufocante.

*"De início, pareceu-me interminável. Interminável quanto deve parecer um ovo visto de dentro; interminável porque inconsútil, contínuo, vazio, ininterrupto. Ou melhor: ininterrompível. Há uma diferença. Ininterrupto pode significar algo negligenciado, ignorado, inconspícuo, insignificante. O ininterrompível passa por nós, nos torna, a nós, inconspícuos, insignificantes."*<sup>8</sup>

Intitulei o primeiro vídeo de "Endless like an egg", em inglês somente pelo fato de não ter a edição brasileira do livro na época. No vídeo vemos um ovo sendo espatifado por um martelo, e revelando tinta carmim que se espalha pelo fundo branco. É um contraste à frase de inspiração que fala do espaço dentro do ovo como algo infinito. Em outras passagens ele elabora essa descrição explicando:

*“A idéia de que qualquer coisa pudesse se projetar, se avolumar, germinar ou se ramificar naquela brancura cabal era inconcebível. A vida interior daquele mundo era inteiramente oculta: nada tinha permissão para extravasar seu espaço designado; todos os circuitos elétricos, todos os conduítes, toda a tralha acumulada da vida cotidiana permaneciam escondidos, embutidos, guardados. Todas as superfícies eram fachadas impenetráveis: Armários disfarçaram-se de paredes, sem nenhuma maçaneta ou qualquer outra pista de que não havia nenhum relevo, também não havia ali nenhuma espécie de abertura.”<sup>9</sup>*

Em outro momento do livro Batchelor coloca estes atributos da casa como ferramentas que protegem este regime branco das *“contingências indesejáveis e incertezas”*<sup>10</sup> da realidade (do mundo externo), atributos que impedem qualquer tipo de troca, vazamento ou transbordo. Talvez a maior diferença entre o vídeo e a frase que o intitula seja a interrupção do suposto ininterrupto, mas também interpreto de forma diferente: Um ponto essencial deste conceito que é estar dentro do ovo e se escondendo a “realidade” que está do lado de fora, enquanto o martelo revela a realidade que reside dentro do ovo, a cor que vai contra o mundo branco em que ele reside, respinga, transborda e suja.

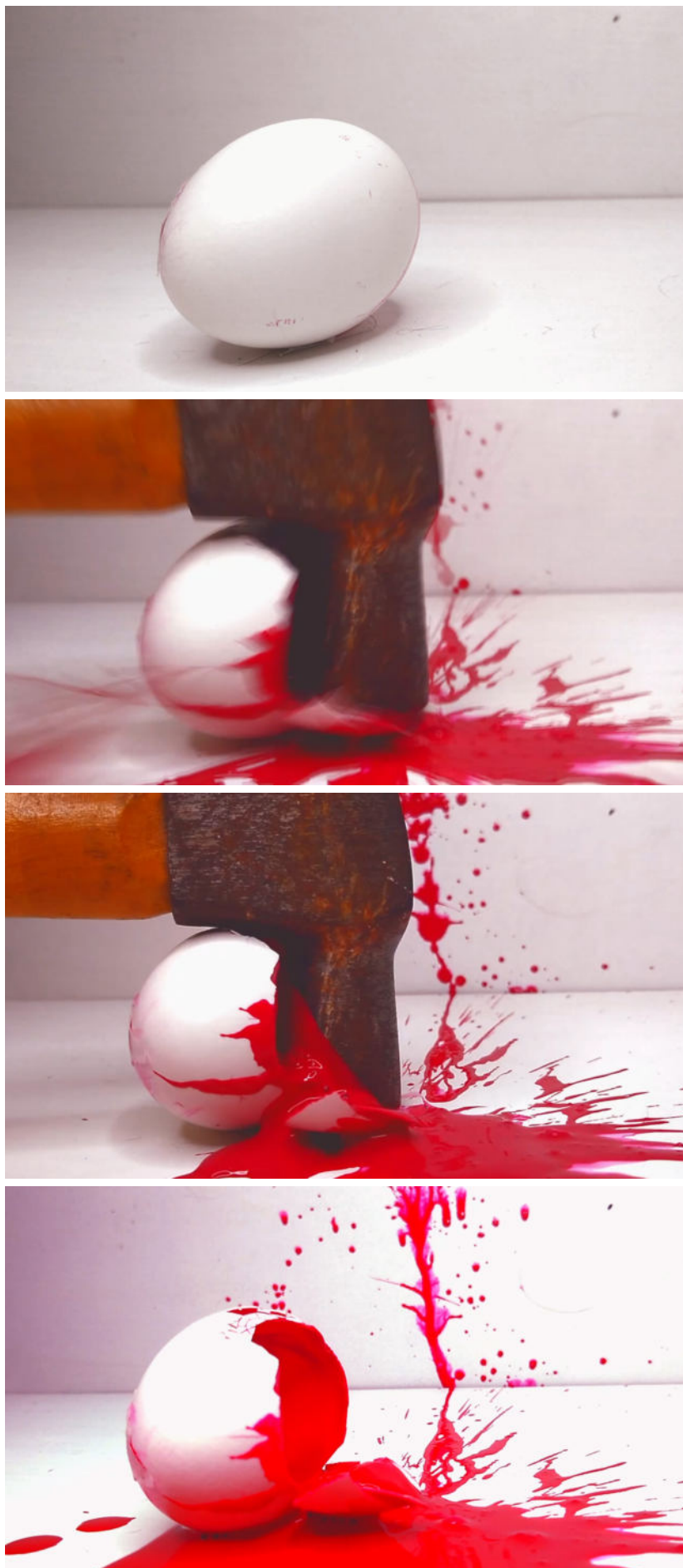
Após compartilhado, alguns colegas compararam a idéia do ovo com a de um útero, principalmente juntando ao fato da tinta carmim ser um rosa forte que se aproxima de um vermelho sangue. Por mais que não proposital, eu acho que conversa com conceitos vistos em trabalhos passados, o útero também existe no mesmo universo da casa, e traz de volta a ideia de um espaço que é uma zona de conforto. O quebrar da casca pode ser visto como nada mais que um nascimento muito brusco, e a exposição à realidade.




---

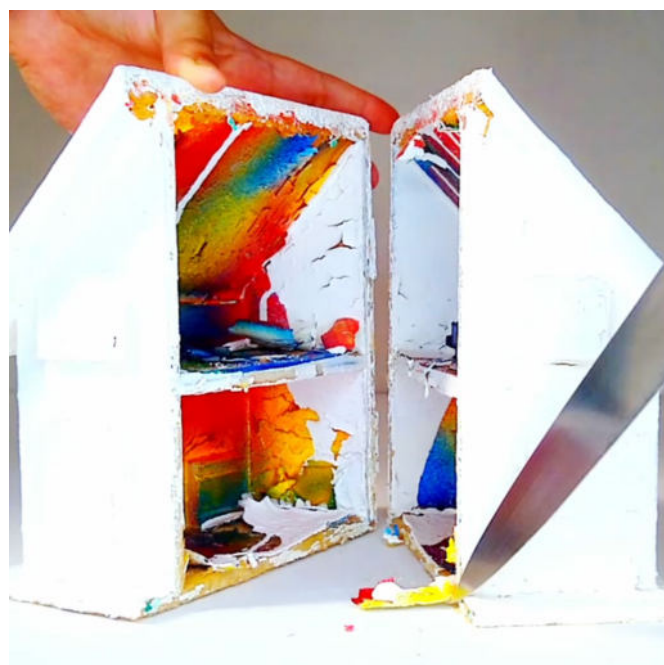
9 BATCHELOR, 2007 p. 22

10 Idem, 2007 p. 25



*"Endless like an Egg", 2022*  
Vídeo arte, 28s

---



*"Lar doce lar", 2022  
Video arte, 5min40s*



*(QR codes para acesso às três partes do vídeo “Lar doce lar”)*

---

O segundo vídeo que faço a partir deste capítulo, “Lar doce lar”, foi dividido em três partes. A primeira e a segunda parte mostram uma pequena casa de madeira colorida nas cores azul, amarelo e vermelho, sendo coberta por tinta branca. Esta casa de madeira é um objeto que tenho desde criança, que recebi em um exercício da escola para pintar por fora e por dentro a minha casa ideal, e que depois se tornou a casa de muitas pollys e outros bonecos pequenos que tinha. Trago-a então para o contexto visto em trabalhos passados, em que o tempo é uma peça que faz parte do processo da camuflagem, e a cor é representação de tudo e qualquer coisa “fora da regra”. A casa de brinquedo colorida se torna um exemplo perfeito para a falta de auto-censura da criança e a liberdade de expressão que se encontra na infância. A tinta branca é, claramente, as paredes nas quais eu descrevi anteriormente, agora colocadas no contexto da casa se tornam literais, que se constroem com o crescimento, apagando a cor e qualquer divergência do regime branco em que a casa reside, o que acaba na completa aniquilação da forma da casa, misturando-se com o fundo.

Na terceira parte do vídeo a casa é cortada pela metade, com uma faca de cozinha, e é separada ao meio, revelando que nas paredes internas ainda existem as cores primárias, algumas danificadas com o branco que escorreu pelas frestas. Nesta cena há alguns pontos diferentes a serem interpretados: a faca, as paredes coloridas e o branco intruso na casa.

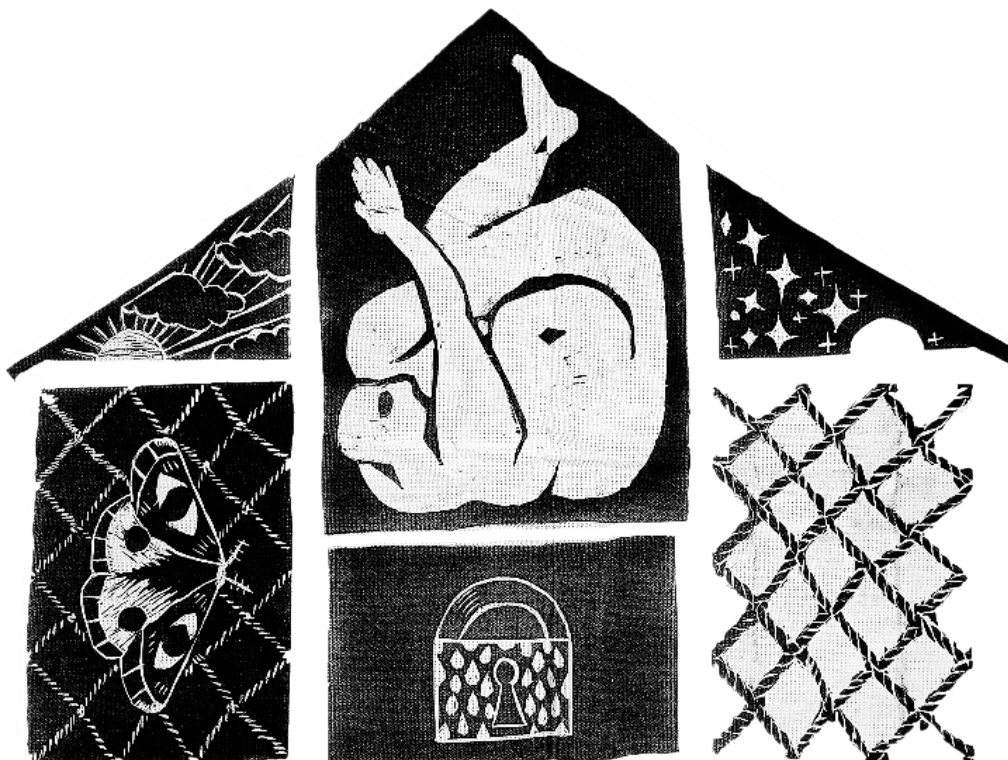
Após cortada ao meio, a casa é aberta como um livro. É uma abertura violenta, não somente a faca demonstra isso mas o esforço que é feito pela mão que segura a faca e os pedaços de madeira que se soltam e lascam da superfície. No começo do vídeo pode-se especular que a casa virou um forte, como dito sobre o ovo, uma construção sem troca nenhuma, ninguém sai e ninguém entra, ou pelo menos é o que se imagina até a revelação do interior que demonstra que a cor não resistiu completamente, ninguém sai, mas alguém entra. O branco acaba sendo um eco do apagamento no exterior que afetou o interior da casa.



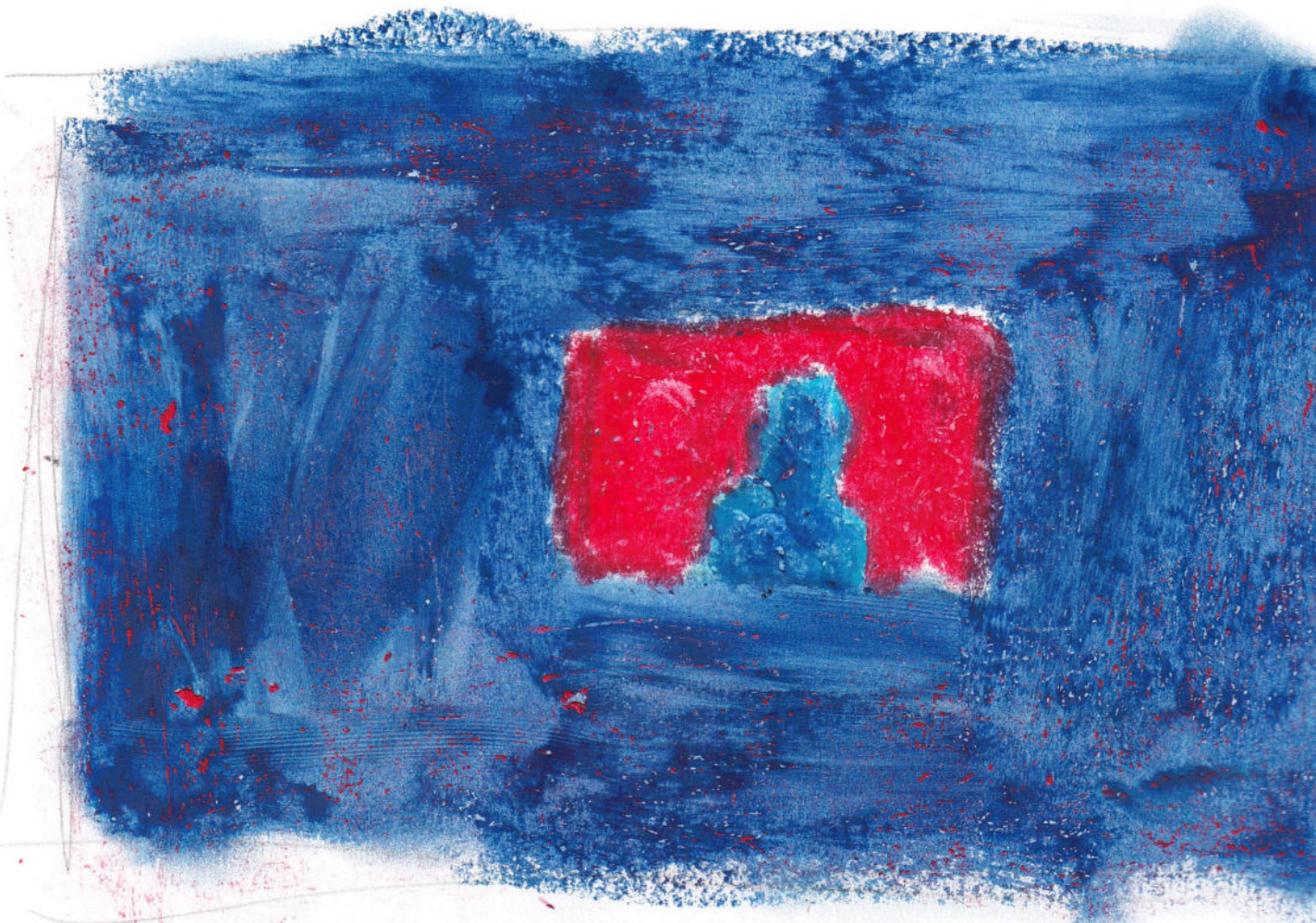
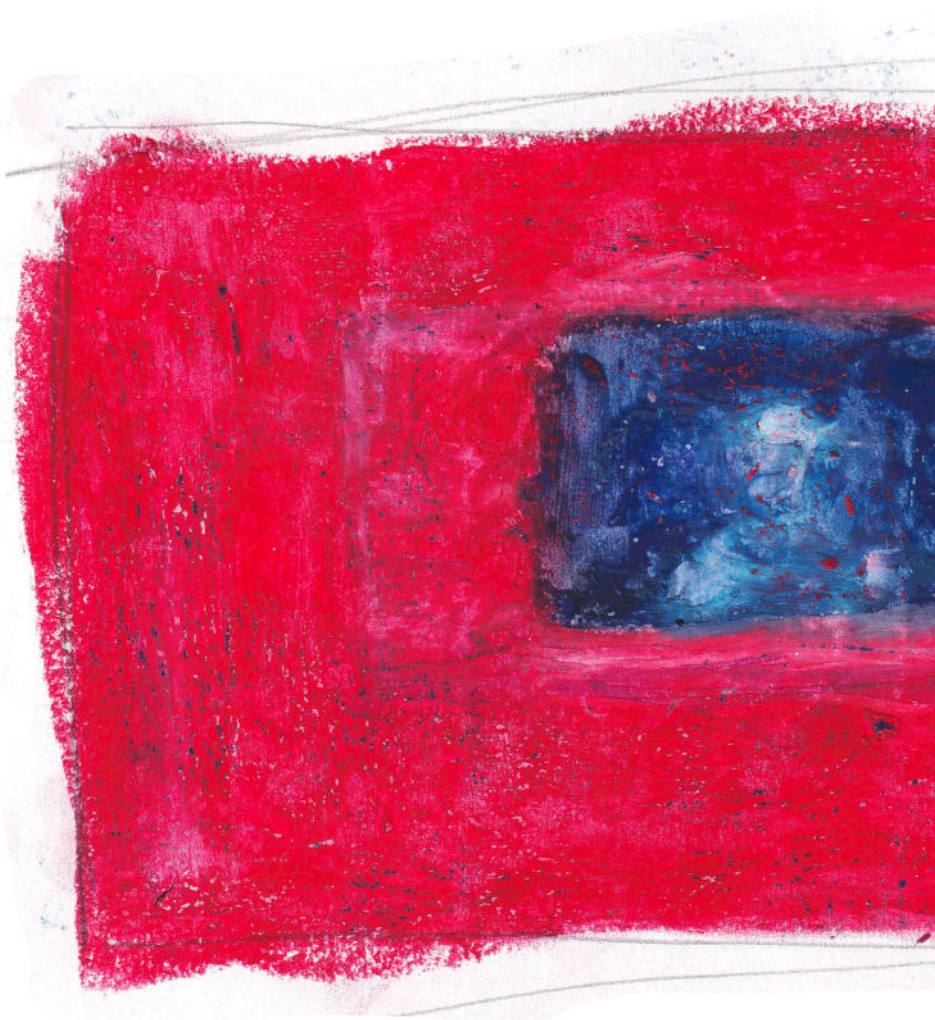


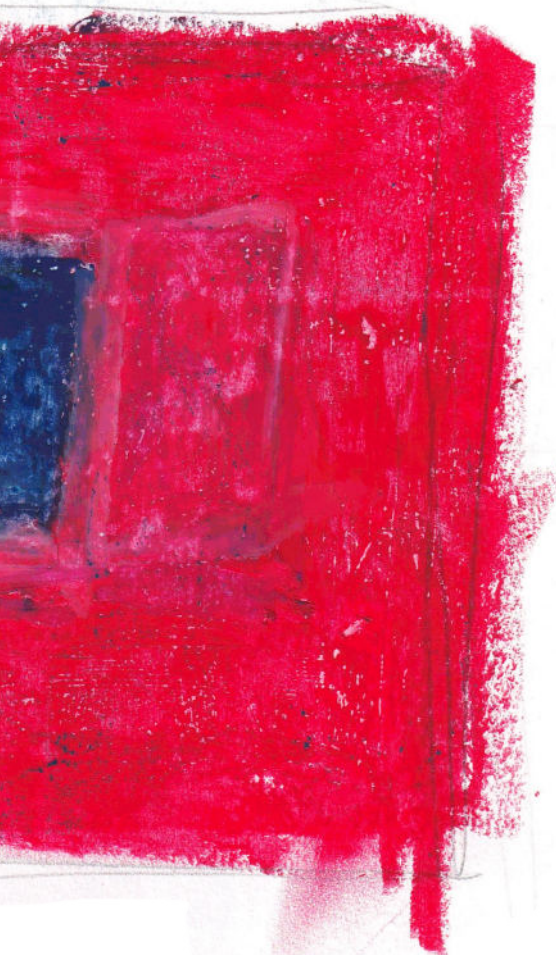
No resto do ano já não havia mais aulas de pintura para cursar e me vi à beira de um abismo expansivo, pela primeira vez desde que tranquei a faculdade senti ter espaço para pensar nesta narrativa sem pressão ou restrições. Utilizei deste tempo para aprender novas técnicas, e assim desenvolver o meu trabalho com outras perspectivas.

Talvez a nova dimensão que a prática da escultura trouxe este pensamento mas algo que me atraiu nesta época foi a representação de não caber na casa. A casa ser um lugar apertado mas pela razão do corpo em si ser o que está expandindo e se auto sufocando naquele ambiente, ou uma pluralidade de corpos, uma inundação, que não encaixam neste espaço. Este foi um cenário que me vi repetindo em diferentes métodos, acabei reproduzindo em tanto desenhos, quanto gravuras e esculturas.



2023





O próximo veículo que encontrei para a minha narrativa foi a fotografia. A cor como luz era um elemento que fazia tempo que procurava conhecer e incorporar no meu trabalho, e este foi um meio que permitiu este experimento. Me interessei em trabalhar com a cor levando em mente o artista Dan Flavin, e como a artista pesquisadora Paloma Carvalho Santos fala sobre o seu trabalho:

*“Quando entramos numa sala iluminada por uma lâmpada de determinada cor (...) os olhos vão se acostumando com aquela fonte monocromática, tentando tomá-la como referência de branco. (...) Flavin cria situações nas quais duas fontes de luz têm uma intensidade parecida, deixando os olhos perdidos, adaptando-se ora a uma, ora a outra, dependendo de para onde se dirigem. As cores vêm e vão num efeito quase mágico. O artista provoca esse tipo de experiência alternando as cores em diferentes áreas, resultando em mudanças graduais: à medida que nos deslocamos, reativamos nosso corpo no mundo.”<sup>11</sup>*

O uso então da luz no contexto do meu trabalho é uma combinação muito coerente, no momento em que reconhecemos que a condição da luz é um elemento essencial para a forma em que nosso corpo se adapta a um ambiente.



Produzir estas fotos foram um momento muito significativo para mim, fazia anos que tentava me comunicar da melhor maneira possível sobre a casa, e o personagem dentro da casa, e a cor que o cercava, e as emoções que sentia, mas pela primeira vez eu havia de me tornar este personagem. Nem que por somente um clique da câmera eu precisei me posicionar e viver e ser a pessoa cercada pela cor, e a casa em que este personagem residia era a minha casa.

Este sentimento me remeteu aos trabalhos “Penetráveis” de Hélio Oiticica que já havia experienciado antes, em seu texto “A Transição da Cor do Quadro para o Espaço e o Sentido de Construtividade” ele explica sobre o processo de criação destes ambientes de cor e as novas dimensões criadas no momento em que a cor não está mais num plano bidimensional e com perspectiva estática, a cor está a toda sua volta. Estes trabalhos são então afetados pela perspectiva do espectador que se move em relação do trabalho, numa dinâmica de espaço e também de tempo.<sup>12</sup> Enquanto o meu trabalho final não tem esta dinâmica, o meu processo de criação deles teve.

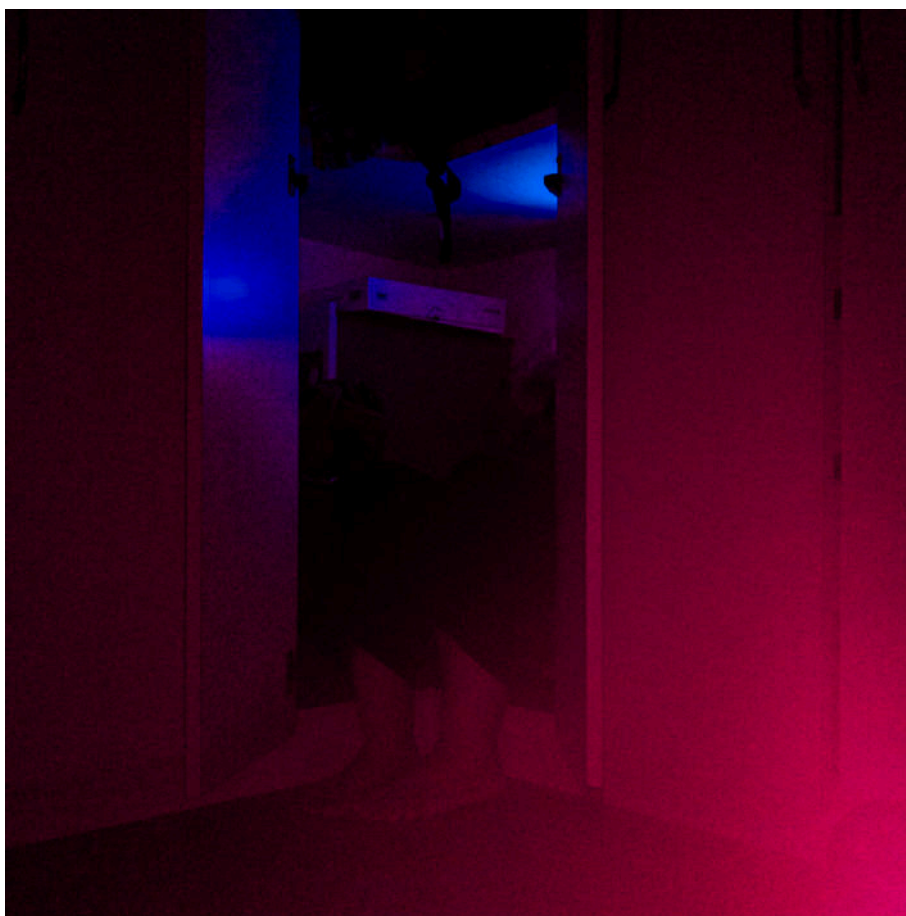
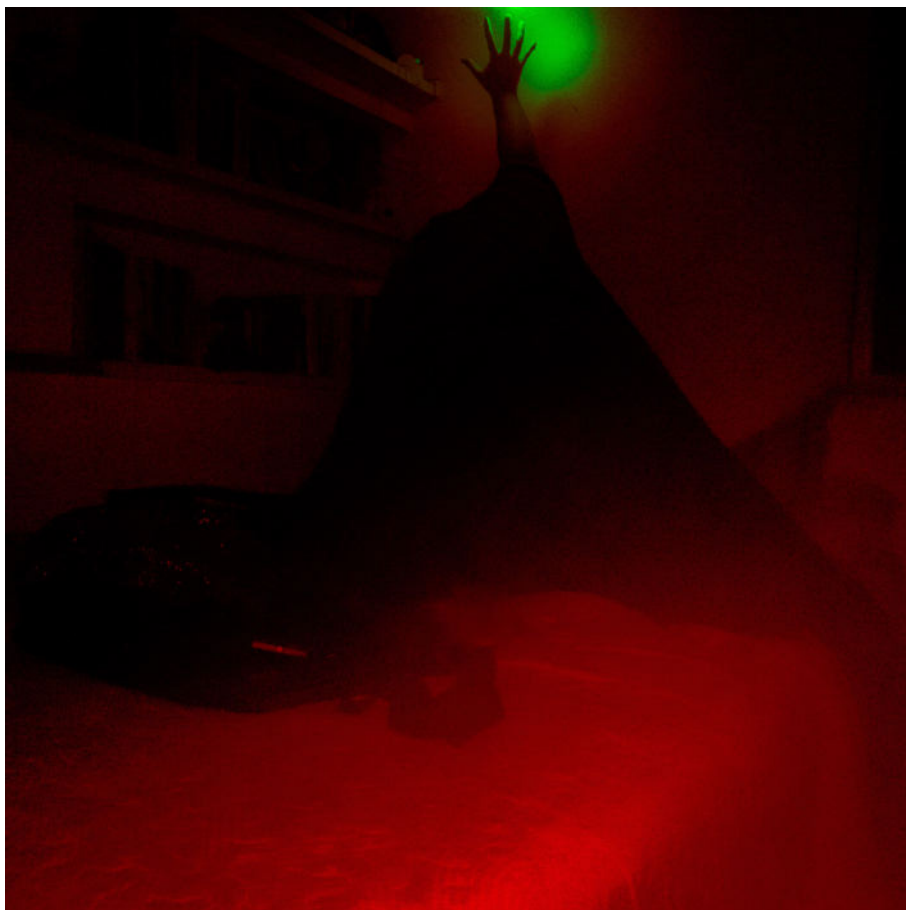
Com estas fotografias acabei adicionando uma página à narrativa, uma camada ainda não vista antes. Como falei do quarto, da cama, como uma zona de conforto que acaba sendo mais prejudicial que confortante, achei que seria interessante representar ainda uma terceira cor, uma cor que mesmo dentro da casa se mantém escondida. Então temos três camadas: o lado de fora, o lado de dentro, e aquilo que reside dentro das gavetas e debaixo dos colchões. Ideia que se conecta a outro conceito trazido por Batchelor em Cromofobia: a cor como maquiagem. Neste capítulo, em sua pesquisa sobre a idéia da cor como cosmético na antiguidade, encontra incongruências com o aspecto da profundidade e superfície, essência e aparência, no momento em que a cor é colocada acima do que é considerado já superficial. Vejo nesta sobreposição de conceitos espelhando o que procurava no meu trabalho.

*“Se a superfície mascara a profundidade, aparência empana a essência, então a maquiagem mascara uma máscara, empana um pano, disfarça um disfarce. Não se trata simplesmente de um engodo, mas de um engodo duplo. A cor é uma superfície na superfície e, portanto, está muito mais distante da substância do que a “verdadeira” aparência. De um lado, temos a aparência das coisas; de outro, a aparência da aparência das coisas. A cor é uma dupla ilusão, um duplo engano.”<sup>13</sup>*

---

12 OITICICA, 2006 p.84

13 BATCHELOR, 2007 p. 65



*"Sem título", 2023  
Fotografia digital*

---



*"I hoped that if there were less of me, there would be less of me that felt wrong."*<sup>14</sup>

O segundo trabalho de fotografia que fiz foi quase uma homenagem a uma antiga pintura já apresentada previamente. Em 2019 eu retratei um personagem se autodestruindo da forma mais completa possível, levando com si o pigmento que o constrói e o suporte que o reside, e com a fotografia tentei revisitar esta representação. Quando falamos de identidades que sentem a necessidade de se apagarem é impossível não mencionar aquelas marginalizadas, por isso me foquei no simbolismo da cor neste espaço, voltando para as palavras de David Batchelor que fazem a ponte entre estes dois elementos do meu trabalho. Em momentos do livro *Cromofobia*, Batchelor vê a justificativa por trás do desaparecimento da cor no meio da arte pela cor ser um elemento que é frequentemente interpretado com as propriedades dos corpos daqueles considerados "estrangeiros": O corpo feminino, o oriental, o primitivo, o infantil, o vulgar, o insólito ou o patológico - e por isso tratado de acordo.<sup>15</sup> Quando se fala da casa minimalista no começo do livro, ele a vê como a epítome da arma que combate contra estes corpos, e contra a cor. Na sua fala vejo muito o que já estava presente no meu trabalho de 2019 e que procuro de novo nas fotografias em 2023.

*"Aquele espaço era claramente um modelo de como um corpo deveria ser: encerrado, contido, lacrado. O corpo ideal: desprovido de carne de qualquer espécie, velha ou jovem, bonita ou feia, perfumada ou malcheirosa; desprovido de movimento, externo ou interno, desprovido de apetites."*<sup>16</sup>

O processo destas fotografias foram rápidos mas ao mesmo tempo interessante para meu entendimento deste conceito que já venho lidando faz muito tempo. Novamente o ato de fotografar me proporcionou viver dentro dos cenários que criei. As minhas mãos se arrastando pelo meu rosto forçadamente, como se estivesse tentando de verdade tirar a própria pele, mexendo tanto que molda meu rosto e muda feições de lugar, fecha olhos e abre bocas, e que depois de tudo deixou partes do rosto dolorido. Mesmo que já me encontrasse, de alguma forma, em todos os personagens de minha pintura, eu nunca fui meus personagens como no momento em que fotografei estes trabalhos.

---

14 LUKOFF, 2010 p.125

15 BATCHELOR, 2007 p.27

16 Idem, 2007 p.23



Série "Apagamento", 2023  
Fotografia impressa em transparência, 23 x 23 cm (cada)

---



*“Figurativamente, a cor sempre esteve associada a algo não muito verdadeiro ou real. Em latim, colorem está relacionado com celare, esconder, ocultar; em inglês medieval, to colour quer dizer adornar ou embelezar, disfarçar, tornar ilusório ou plausível, desvirtuar.”<sup>17</sup>*

Por volta do meio deste ano passei a pensar sobre o aspecto da “mentira” que existe neste ciclo que falo sobre. Desde que utilizei do elemento da camuflagem existe esta sugestão implícita de que o personagem está se passando por alguém que não é, e mais tarde o personagem é visto vivendo uma vida diferente dentro de casa e fora de casa. Neste tempo me veio em mente um cenário muito específico, a ponto de ter que levantar da cama no meio da noite para anotá-lo porque parecia pertinente. Este cenário refere-se aos momentos em que as portas da casa são abertas: quando festas são organizadas.

*“Você irá fechar suas portas, porque é bagunça demais dentro de suas paredes. Não importa se alguns dias você passa horas organizando seus álbuns de fotos e lavando roupa, todo dia você acorda e vê a infiltração de água, os fios expostos, a tinta descolando, as cortinas quebradas e as flores nascendo dentre as madeiras do chão da sala de estar.*

*Às vezes o esconder é para uma surpresa. Eu abro as portas e há uma festa. Desculpa ter que adiar uma hora, pelo menos não precisaram se apressar para chegar, eu me enrolei com a arrumação. O bolo está um pouquinho queimado, e as bebidas não tão geladas, na correria da limpeza o tempo me escapou. Vocês provavelmente vão ficar entediados, mas pelo menos a decoração está linda.”*

(26/07/2023 02:02)

Bachelard fala em *A Poética do Espaço* como a casa é literalmente feita de memórias, uma casa excessivamente pitoresca carece de substância<sup>18</sup>, esconde intimidade da mesma forma que a casa minimalista renega suas entranhas, seus fios, suas gavetas e armários. Na organização de uma festa é isso que o personagem deve fazer, se desfazer de toda memória da casa para agradar os convidados, e destes componentes a serem ocultados há os superficiais (roupas sujas, cortinas quebradas) e estruturais (infiltração, fios expostos). Não é então surpreendente que o processo de deixar a casa apresentável leva tanto tempo, tanto trabalho e tanto foco necessário de se manter que o horário da festa é adiado, o bolo queimou e as bebidas esquentaram. Mas o personagem pelo menos conseguiu manter a fachada de que sua casa era não somente normal, mas perfeita. O que nos traz de volta, e mais enfoque, ao conceito que Cromofobia apresenta da cor como maquiagem.

17 BATCHELOR, 2007 p.62

18 BACHELARD, 1978, p. 205

*“A cor, portanto, é arbitrária e irreal: mera maquiagem. (...) Há uma certa ambiguidade na maquiagem; os cosméticos frequentemente podem confundir, gerar dúvidas, mascarar ou manipular; podem produzir ilusões ou enganos (...) Os cosméticos deixam a carne mais apetitosa, carne que talvez esteja velha ou cansada, ou carne que pode estar doente, desfigurada, podre ou até mesmo morta.”<sup>19</sup>*

Meu trabalho seguinte, uma série intitulada “Anfitriões”, explora este fenômeno de utilizar de camadas que trazem uma ilusão oposta à realidade. As pinturas são auto retratos, eu acabei procurando especificamente fotos em que parecia estar cansada de alguma forma, seja com olheiras mais profundas, ou literalmente deitada na cama. A decisão de serem fotos próprias veio de saber exatamente como me sentia quando estas fotos foram tiradas, acredito que tenho uma dificuldade em retratar modelos encontrados na internet ou até mesmo pedir conhecidos para posarem para mim porque é certo de que acabaria tendo um resultado mais artificial do que utilizar uma tirada anos anteriormente sem nenhum intuito de um dia ser utilizada em uma arte.

Por cima destes retratos adicionei a camada que eu chamaria de “a decoração da festa”. Eu utilizei pedaços de papel celofane e fitilhos de forma que a figura está quase imperceptível, pode-se dizer até mesmo se camuflando com o fundo, estes selados por trás de uma folha acrílica parafusada ao chassi. Para mim é interessante trazer estes elementos de material plástico porque evocam a sensação de artificialidade, a camada de trás sendo uma forma muito orgânica que exprime um sentimento muito humano e animal de cansaço mas obscurecido por objetos completamente opostos, não naturais.

Um grande exemplo da cor como maquiagem dada por Batchelor vem do romance *A Rebours* de J.K Huysmans, o título traduzido para inglês como *Against Nature* [Contra a Natureza], em que o personagem principal, Des Esseintes, é obcecado com estética e apresentação acima de tudo. Esta obsessão é demonstrada em diferentes cenários, muitas vezes surreais, como quando decora uma tartaruga com tinta dourada e pedras preciosas, estas que são então trocadas por pedras artificiais, que seriam de menor valor mas teriam cores mais impactantes e incomuns. Quando se diz “incomum” é importante notar que faz referência à pedras que se via na mão de “qualquer homem de negócios”, porque para Des Esseintes a representação de riqueza é mais importante do que a riqueza em si.<sup>20</sup>

---

19 BATCHELOR, 2007 p. 63

20 Idem, 2007 p. 69

Este é um personagem que mergulha e vive cercado do irreal, e assim como quando se existe num ambiente de luz colorida, seu ponto de referência (para o que é natural ou artificial) muda. Um trecho que demonstra isso muito bem é quando Des Esseintes fala de flores, ele às categoriza com classes como “flores pobres, vulgares, dos cortiços”, “flores pretensiosas, convencionais e estúpidas” e “flores de charme e tremenda delicadeza, (...) sem absolutamente nenhum ponto em comum com as plantas populares burguesas.”<sup>21</sup>, estas flores ideais assim como outros elementos são favorecidas por terem o elemento do inalcançável e incomum - procedendo a época em que foi escrito, no pico do orientalismo na arte, o considerado “exótico” se referia a itens vindo da ásia, tendo qualquer significado nato esvaziado em prol deste sentimento de “excentricidade”. Estas flores, porém, também passam a ser negligenciadas após um tempo para serem então substituídas por cópias artificiais, confeccionadas com borracha e arame, calicô e tafetá, papel e veludo, mas também não são o suficiente para Des Esseintes, que passa a procurar não mais uma flor artificial que emule a natural, mas uma flor natural que emule a artificial.

No contexto do meu trabalho eu acredito que este cenário paralela muito um fenômeno atual que passa a existir com a popularização das mídias sociais: a cobrança de uma imagem perfeita, mas relatable, mas podada, mas inovadora, mas digestível. Por mais que seja mais evidente na internet, também afeta o lado de fora, já não existe uma linha tão demarcada entre o real e o digital a partir do momento que a maioria das pessoas vive grande parte do seu dia a dia na frente de alguma tela. Por isso, nossa referência do “normal” também muda, porque condutas que antigamente eram associadas somente a celebridades e figuras importantes se tornaram algo que é esperado de pessoas comuns, mas sem a ajuda de uma equipe de marketing, assessoria e gestor de relações públicas. Acredito que o melhor exemplo do espelhamento com a cena das flores de Des Esseintes vem com a questão estética e como nossos padrões de beleza mudaram com os filtros de snapchat, aplicativos que facilitam edição de rosto e corpo como facetune e o *boom* em procedimentos estéticos. Estes processos que somem com poros, apagam características raciais mas também emulam traços “exóticos”, estes que afinal se tornam o ciclo das flores artificiais que parecem com as flores naturais que parecem artificiais.etc

*“Des Esseintes nunca está satisfeito com suas orquestrações de artificialidade, talvez porque, para ele, até mesmo o mais extremo dos artificios passe a pertencer à natureza depois que se torna familiar.”<sup>22</sup>*

---

21 HUYSMANS, 1959

22 BATCHELOR, 2007 p.70



Série "Anfitriões", 2023  
Técnica mista sobre tela, 50 x 40 cm

---



Série "Anfitriões", 2023  
Técnica mista sobre tela, 50 x 40 cm

---



Série "Anfitriões", 2023  
Técnica mista sobre tela, 50 x 40 cm

---



*“A casa é um corpo de imagens que dão ao homem  
razões ou ilusões de estabilidade”<sup>23</sup>*

Este próximo trabalho foi finalizado em 2023 mas mesmo sendo relativamente simples demorou aproximadamente um ano para ser realizado. O par intitulado “Bolhas” é formado por um chassi de madeira, uma colagem digital impressa em papel transparente e tampada por um plástico transparente rosado que assume a forma de uma bolha, um domo por cima da imagem de uma casa com olhos. O primeiro elemento que chegou a mim foi a bolha em si, o plástico rosa era nada mais que uma bola de brinquedo que tinha em casa desde a infância, quando a reconheci como um material interessante e a recortei a primeira coisa que notei foi que independente de o quanto o manipulava ele naturalmente voltava ao formato arredondado, e daí veio a inspiração da bolha.

Foi fácil encontrar um trabalho neste elemento, “bolha” é como referimos atualmente a um espaço sem troca com o exterior, a câmara de eco, um nicho, uma zona de conforto. O domo funciona como uma grande lente cor de rosa para o exterior da casa, literalmente um filtro que bloqueia coisas indesejadas de serem percebidas. Com o trabalho “Endless like an egg” já é possível pensar sobre o aspecto desta contenção da cor, mas é mais focado na quebra desta barreira do que na vivência dentro dela, que é o propósito da bolha. A minha primeira intenção com este trabalho era evolui-lo numa série mais extensa, com a repetição de casas dentro de bolhas trazerem mais intensamente o sentimento de isolamento mesmo em comunidade, mas visto que o material da bolha era bem específico ainda não encontrei um equivalente que me permita continuar.

Outro processo interessante neste trabalho foi a decisão da representação da casa. Na sua primeira versão utilizei da pintura tradicional, uma casa pitoresca feita de tinta acrílica, com um jardim de flores delicadas, tudo num estilo bem naturalista. Numa segunda tentativa tentei incorporar janelas que imitassem os olhos, procurei uma abordagem mais geométrica e uma paleta dicromática: somente verde neon e azul ultramar, claramente tentando me distanciar do realismo de alguma forma, mas ainda insistindo na tinta. Foi no meio desta tentativa que notei que uma pintura simplesmente não se encaixaria na proposta deste trabalho, a estrutura externa da casa no contexto desta narrativa deve ser emblemática de algo superficial e artificial, a pintura se presta ao orgânico, a pincelada é aparente e transmite o movimento que foi feito pela mão por trás do pincel, por isso este processo foi somente frustrante porque é impossível reproduzir o que é suposto ser “perfeito”, a camada superior que impede todas as outras de serem vistas. Me apropriei então de uma fotografia não tirada

por mim e usei de base para uma colagem. Ao invés de procurar casas que eram arquitetadas com janelas que parecessem olhos como havia tentado pintar antes, simplesmente adicionei olhos recortados de outras fotos, já não me preocupei de tentar fazê-la parecer algo natural, esta casa é a representação de um ser humano, então por que não antropomorfiza-la? Mas somente a colagem digital não era o suficiente, fiz dela monocromática, numa cor contrastante com o rosa da bolha, e na hora da edição da imagem me voltei a um estilo que opunha o que via nas minhas tentativas de pintura, um que personifica esta destruição de identidade: a pop art. Já havia feito uma edição parecida no trabalho “Apagamento” mas sabia que precisava ainda mais parecer uma xerocópia, ter ainda menos subtons. Batchelor em um momento comenta sobre o trabalho de Warhol e destaca a sua representação de artificialidade que utiliza do efeito trazido pelas suas cores de destruir o volume, espaço e a figura.<sup>24</sup> Por último decidi imprimir esta imagem em uma folha acrílica transparente, a bolha tira um pouco da visibilidade da imagem que reside por trás então, além da plasticidade funcionar com o significado do trabalho, a superfície reflexiva auxilia na experiência do objeto.

Para a montagem da bolha no chassi usei um grampeador e por muito tempo planejei procurar uma forma de esconder os grampos para dar um acabamento mais ajeitado, fosse voltar com a tinta, encontrar outro plástico para colar em cima, incorporar novamente fitas de presente. Acredito que esta foi a minha última decisão sobre este trabalho, aceitar a visibilidade dos grampos e também da cor que o chassi foi pintado e conseqüentemente a cor da colagem, elemento que seria completamente perdido para o espectador. Foi necessário para mim em diversos trabalhos rever o quanto que seria esconder demais, mesmo o assunto sendo este, existe um momento que você passa a esconder até mesmo aquilo que quer que a arte comunique. Os grampos porém foram uma decisão interessante, eu notei que eles conversam com os parafusos vistos na série “Anfitriões” e que o material metálico fixando os materiais na tela trazem um sentimento de construção que remetem a casa. A casa que também é uma estrutura montada por vigas de metal, pregos, parafusos, etc. Assim como representa uma fortificação da estrutura toda que é a bolha, contrapõem sua precariedade: o chassi exposto e a bolha não o cobrindo completamente ou simetricamente, “Anfitriões” tem ainda por cima um aspecto de efemeridade, com os papéis celofane e fitilhos presos mas não completamente imobilizados por cima da pintura. Mesmo procurando comunicar uma artificialidade com estes trabalhos acredito que a mão humana que fixa estas barreiras, com chaves de fenda, grampeadores ou martelos, é um elemento importante a ser lembrado.

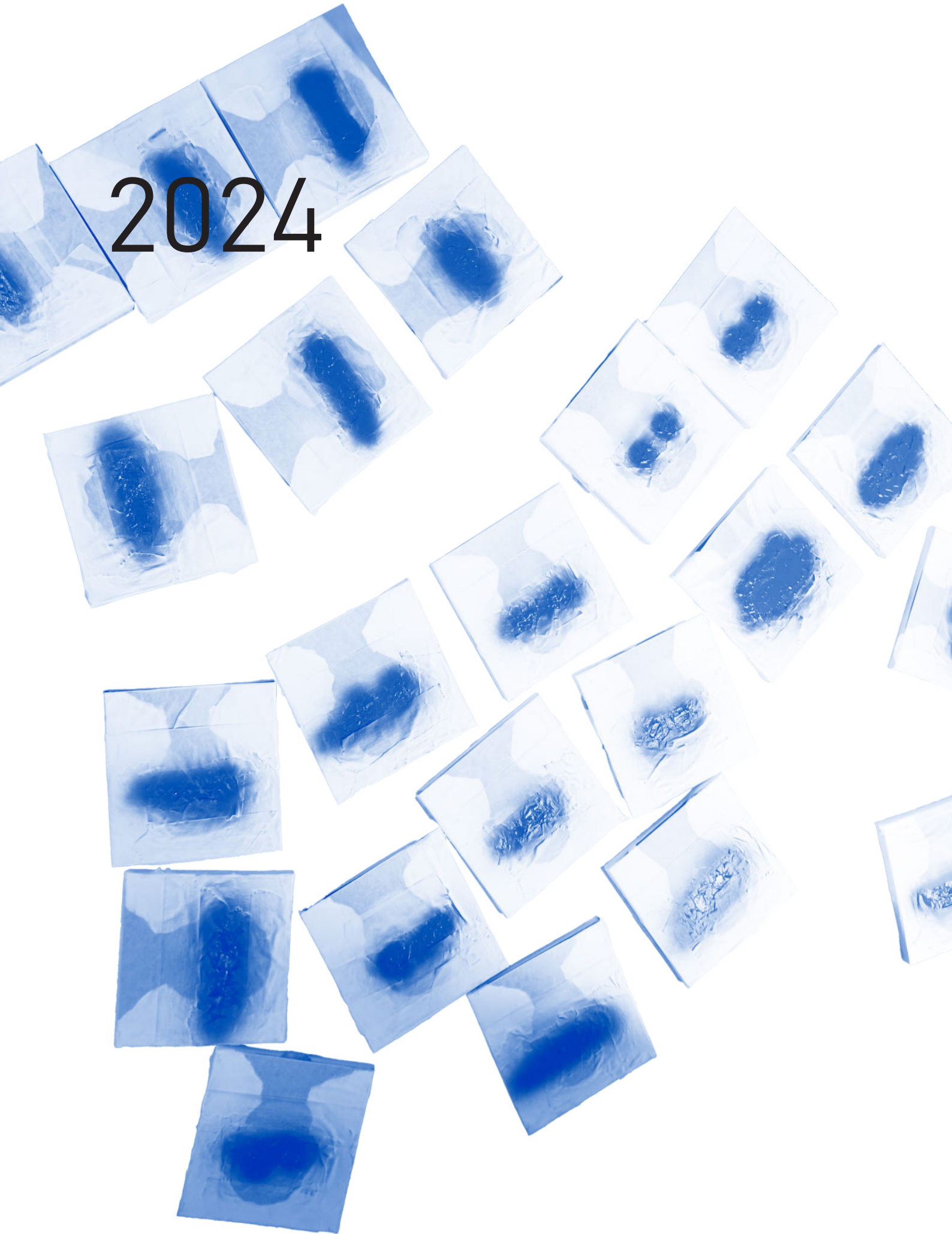


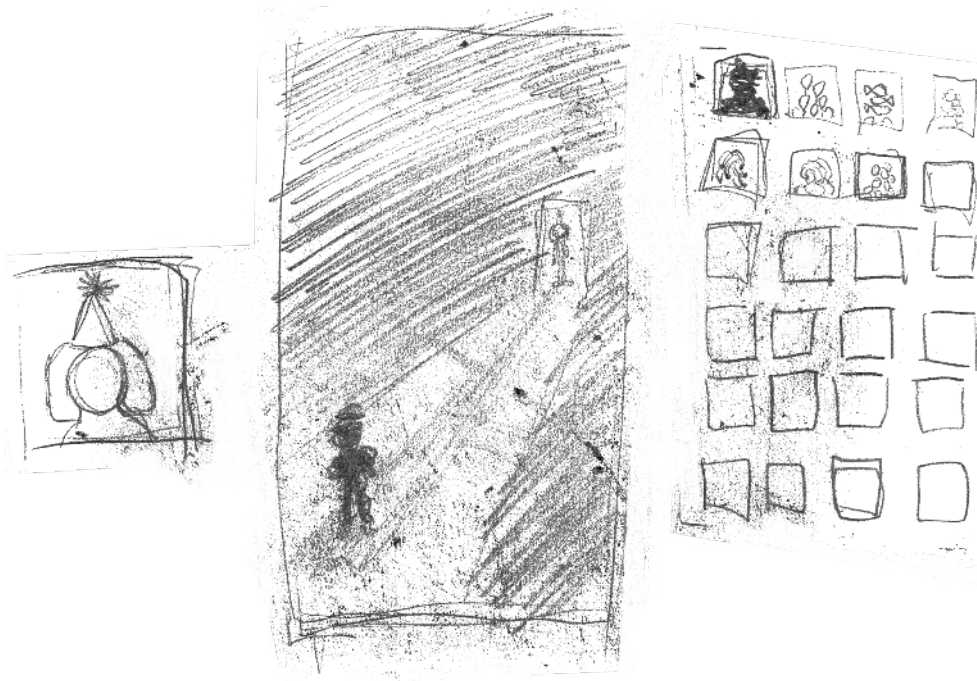
Série "Bolha", 2023  
Técnica mista sobre chassi, 12 x 12 cm (cada)

---



2024





Em 2023, me aproximando do meu aniversário de 24 anos, me encontrei pensando sobre as expectativas que tinha sobre esta época da minha vida, sobre o que esperava ter realizado e tudo aquilo que não consegui. O número 24 em si foi algo que agarrou a minha atenção por algum motivo, talvez porque em algum canto da internet havia lido que quando você chega aos 25 anos de idade seu lobo frontal termina de desenvolver e você passa a ter mais dificuldades de aprender coisas novas, ou que suas células passam a morrer mais rápido que são criadas, algo assim, aquelas coisas que pessoas anônimas postam sem nenhuma fonte de referência e de forma quase como frases de efeito, para alguém daquela idade pensar “De fato, é como eu sinto. Burro e morrendo.” e então responder, para outros de 25 anos se sentirem também menos sozinhos, talvez. Acredito que em todo aniversário, pelo menos para mim, existe um momento de reflexão sobre o que foi feito naquele ano, mas este ano pareceu diferente, acabei olhando para trás e fui vendo as repetições que aconteciam nesta época, das metas que se repetiram por não serem realizadas, todo ano em julho eu me prometia mudanças, a mesma do ano anterior, e do anterior, que no seguinte de novo não teria acontecido.

Disso nasceu o primeiro rascunho deste trabalho, a ideia veio a mim quase como cena por cena e por isso saiu como numa história em quadrinho, imaginei uma figura com um chapéu de aniversário, abrindo a porta para um quarto escuro que revela outra figura humanoide mas rabiscada e amorfa. A segunda parte deste rascunho seria uma série de 24 pinturas, retratos, mas cada um completamente obscurecido ou, dependendo de como se vê, formados por diversos objetos aleatórios - como balões, bananas, peixes - como se aquela criatura estivesse se transformando rapidamente diante dos olhos do aniversariante. Não sei dizer se a criatura é uma forma de fantasmas dos aniversários passados, os objetos que o configuram me passavam uma ideia de diferentes fantasias, como diferentes identidades que se formaram pelos anos. Por mais que exalando uma aura como a de um monstro de um livro de terror, por aparecer na cena como se estivesse sido encontrado após viver anos em seu sótão, encontrei uma genuinidade na primeira criatura, com pouca forma e composta por somente rabiscos.

Este trabalho foi deixado de lado por bastante tempo, ironicamente já que a minha primeira meta com ele era terminá-lo antes de completar 24 anos. Algo me dizia que por ser tão longe do assunto dos meus outros trabalhos da faculdade não fazia sentido gastar energia nele, tentei começa-lo como um projeto à parte, feito digitalmente, mas também desisti. Foi somente no final do ano que voltei a desenvolvê-lo, e assim encontrei as linhas que o conecta com o resto da minha produção. Primeiramente foi descartado o primeiro quadro que pesava muito o aspecto narrativo literal do trabalho, por mais que fosse interessante não era meu intuito fazer uma história cena a cena. Eu sabia que não queria mais pintar todos aqueles objetos, se fosse um trabalho feito de somente tinta sobre tela acredito que somente tinta sobre tela chaparia as imagens de forma que não teria a possibilidade de saber o que está sendo obscurecido pelos objetos, e esta foi uma camada que decidi destacar. Resolvi resgatar um elemento que só havia sido visto “formalmente” em 2019: as figuras azuis dos trabalhos em tampo de acrílico. Em 2022 cheguei a desenhar bastante corpos humanos com mínimos detalhes, sem cabelo, somente olhos e as vezes um nariz; que foram centrais nos meus trabalhos de escultura e gravura. Esta etapa teve um processo diferente do que estava acostumada porque sabia que queria beirar a abstração com estas figuras, por isso usei a tinta spray que me impedia de ter muito controle fino sobre o que caía na tela, principalmente por serem telas pequenas de 20x20cm, a única coisa que assegurou a forma humanóide da figura foi a utilização de fita crepe para formar uma silhueta de cabeça, ombros e orelhas.

Após as pinturas serem terminadas entrou a questão do que iria obscurecer elas, já que não sentia que a aleatoriedade dos objetos que pensei na primeira versão desta ideia funcionaria bem. Cogitei simplificar e voltar para um filtro de cor lisa, talvez numa forma geométrica para remeter a casa, mas não teve o impacto que esperava. Cheguei então num meio termo que o amarrou de verdade com os meus outros trabalhos: objetos da casa, sendo eles decorativos, utilitários e estruturais. Objetos com características decorativas são os mais vistos, por motivos claros, se cada pintura é representativo de um ano de vida, então o objetos decorativo mascara ou pelo menos distrai de qualquer imperfeição da figura abaixo. Muitos deles não são somente decorativos mas que tem também uma função: uma cama para deitar, uma chaleira para servir chá, um talher para espetar e cortar; que foram também intencionais por terem seu valor medidos pela sua utilidade para o outro e não para si próprio. Por último a categoria de objetos que considerei estruturais: martelo, pregos e portas; estão lá para representar o reforço destes parâmetros que foram criados junto da casa.

A mensagem que encontrei nesse trabalho, porém, não é tão rodeada de sofrimento como talvez fiz parecer, e como acontece em muitos dos meus trabalhos sobre esse assunto. Voltando para o que me inspirou inicialmente, primeiro pensei que estes objetos que escondem a figura eram uma representação destas promessas de mudança que nunca foram realizadas enquanto a figura por trás significaria a mesmice que falhou em mudar, mas quando os objetos se tornaram os objetos da casa, com as cores contrastadas à figura, que notei que eles são expectativas não vindas da figura mas vindas do exterior, e talvez estas promessas foram feitas de fato pela própria figura mas vieram a partir de uma vontade de ir contra sua própria natureza para ser mais bonito e mais útil àqueles a sua volta. Mas o definitivo final feliz deste trabalho volta para o meu interesse no número 24, depois de eu já ter terminado aquele primeiro rascunho que notei o porque parecia um momento tão importante: 24 é o número de horas num dia, o que me trouxe um grande sentimento de o final de um ciclo e o que nomeou o trabalho "A Badalada da Meia Noite". Minha primeira reação quando pensei neste final foi um certo pânico, como se algum tempo meu estivesse acabando, e foi somente passando por uma sessão de terapia com este assunto que me fez notar que a badalada da meia noite significa o final de um dia, mas também o começo do outro. O que via então nas figuras azuis como mesmice se tornou então um sinal de esperança, porque mesmo com todas estas diferentes camadas a cobrindo, filtrando, sufocando e escondendo; ela não se desfez, não se dissolveu, não se apagou, por trás de tudo ela continuou existindo.





*“Badalada da Meia Noite”, 2024  
Técnica mista sobre tela, 145 x 95 cm*

---



*“A cor, mais uma vez, é retratada como permanente e irresistível; não pode ser apagada, apenas ocultada sob uma máscara monocromática, e apenas por um tempo (...) Vimos a cor de diversos ângulos: instilando-se no mundo para depois inunda-lo, sendo apagada ou coberta, matando e sendo morta e dando vida e negando a morte. Mas, seja qual for o ângulo, é difícil fugirmos da conclusão de que a cor é um outro bastante peculiar, e quase nunca é menos do que um outro. Geralmente esperamos ou exigimos que a alteridade seja marcada de alguma forma para que possamos distingui-la da nossa tão querida identidade. (...) Mas o outro da cor está em toda parte: ao nosso redor, dentro de nós e em nós todos; está presente em tudo que vemos, todos os dias, desde o momento em que abrimos os olhos. Nem mesmo a noite é capaz de empanar ou eliminá-la por inteiro, já que em muitos casos ela se infiltra também nos sonhos. Talvez seja este o ponto: não há como abolir a cor exceto por meio da imaginação. (...) Pois somente nesses universos a cor pode ser finalmente eliminada: afastada pelo pensamento puro ou apagada pela forma pura. Na literatura e no cinema, podemos vislumbrar um mundo sem cor; fora isso, na nossa vida diária e nos nossos sonhos, estamos presos a ela. Não estamos apenas cercados de cor; nós somos cor.”<sup>25</sup>*

AUTORETRATIO

AUTORETRATIO

AUTORETRATIO



12 JUN 2016

AUTORETRATIO

AUTORETRATIO

AUTORETRATIO

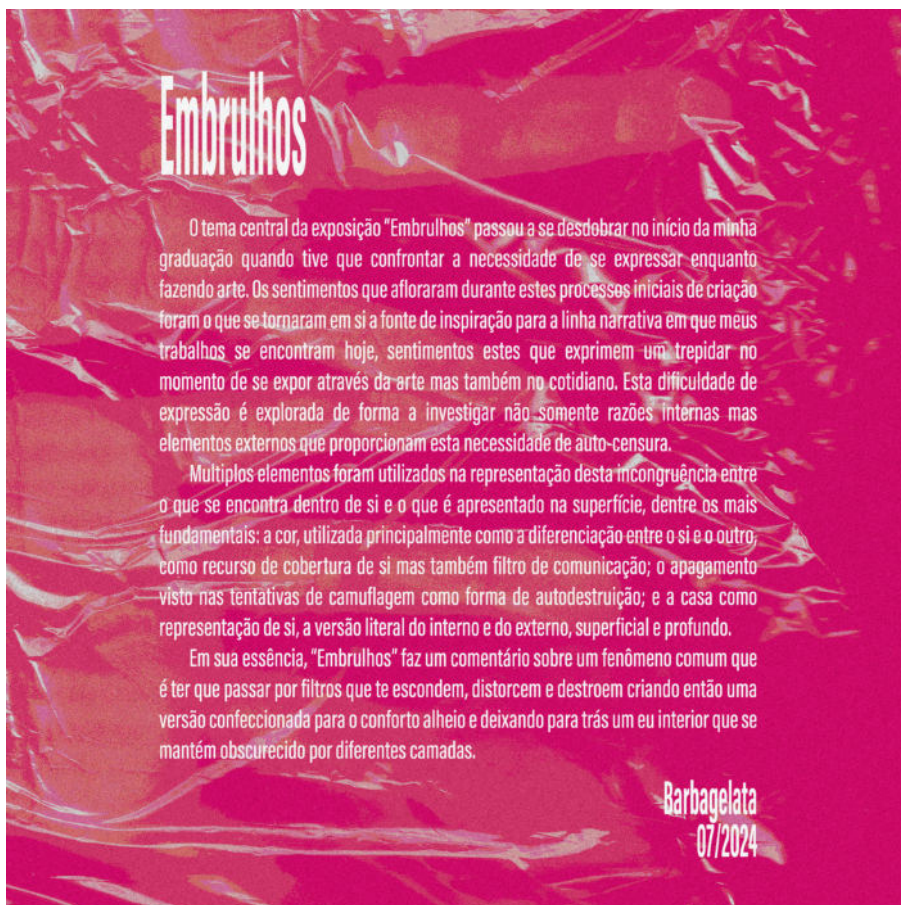
# Bibliografia

- BACHELARD, Gaston. **“A Poética do Espaço”**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BATCHELOR, David. **“Cromofobia”**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007
- BÉNICHOU, Anne. **“Esses documentos que são também obras...”**. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 3, n. 6, ano 3, dezembro de 2013.
- HANSEN, L.B. **“Arquivologia de si: A Hermenêutica do Artista-arquivador”**. In: Quebraquina, 1. Rio de Janeiro, 2021. p. 271 - 280. Disponível em: [https://issuu.com/hansen\\_lhb/docs/anais\\_quebraquina\\_-\\_23\\_jun/272](https://issuu.com/hansen_lhb/docs/anais_quebraquina_-_23_jun/272). Acesso em: 29 de março, 2023.
- KOENIG, John. **“Sonder”**. The Dictionary of Obscure Sorrows. 2013. Disponível em: <https://www.dictionaryofobscuresorrows.com/post/23536922667/sonder>. Acesso em: 4 de abril, 2023.
- LUKOFF, K. ; et al. **“Gender Outlaws: the next generation”**. California: Seal Press, 2010.
- MAY, Rollo. **“A Coragem de Criar”**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.
- OITICICA, Hélio ; et al. **“Escritos de Artistas: Anos 60/70”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.
- SANTOS, P. C. ; Grupo de pesquisas cromáticas ECA/USP. **“Reflexões sobre a cor”**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.






# Anexo: Exposição Individual





 bgelata · Seguindo ⋮

 bgelata · 4 h  
"Envelhecendo", 2021  
Óleo sobre papel, 17 x 14 cm  
  
#arte #artecontemporanea #pintura #art  
#contemporaryart  
Ver tradução

**Ainda não há nenhum comentário.**

Inicie a conversa.



 7 curtidas  
há 4 horas

 Adicione um comentário... 



 bgelata · Seguindo ⋮

 bgelata · 4 h  
"Me Autorretrato", 2021  
Óleo sobre madeira, 80 x 60 cm  
  
#arte #artecontemporanea #pintura  
#painting #art #contemporaryart

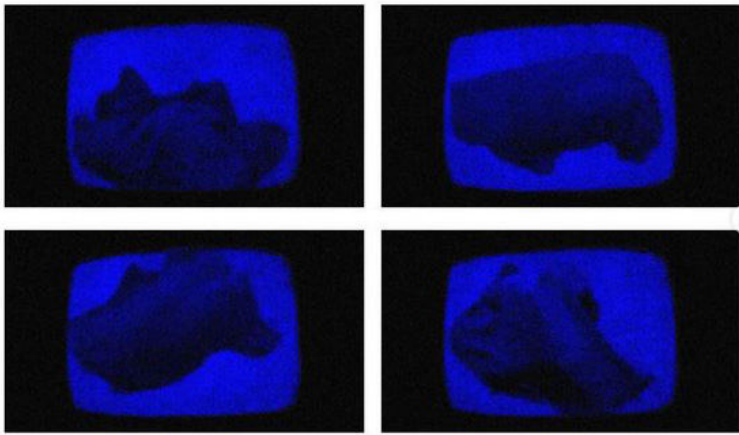
**Ainda não há nenhum comentário.**


Inicie a conversa.



 9 curtidas  
há 4 horas

 Adicione um comentário... 



 bgelata · Seguindo ⋮

 bgelata 3 h  
Projeto "Cíclico", 2022  
Vídeo arte, 3min21s

Projeto "Cíclico", 2022  
Acrílico sobre acetato, 20 x 70 cm

#arte #artecontemporanea #videoarte #art  
#contemporaryart  
Ver tradução

**Ainda não há nenhum comentário.**

Inicie a conversa.



 6 curtidas  
há 3 horas

 Adicione um comentário... 



 bgelata · Seguindo ⋮

 bgelata 3 h  
Série "Janelas", 2022  
Técnica mista sobre papel, 29 x 21 cm

#arte #artecontemporanea #pintura #art  
#contemporaryart

 laurellhamblin 3 h  
Super! ❤️  
Responder



 7 curtidas  
há 3 horas

 Adicione um comentário... 



bgelata · Seguindo



bgelata · 3 h

"Para você", 2022

Técnica mista sobre madeira, 20 x 20 cm

#arte #artecontemporanea #pintura #art  
#contemporaryart

**Ainda não há nenhum  
comentário.**

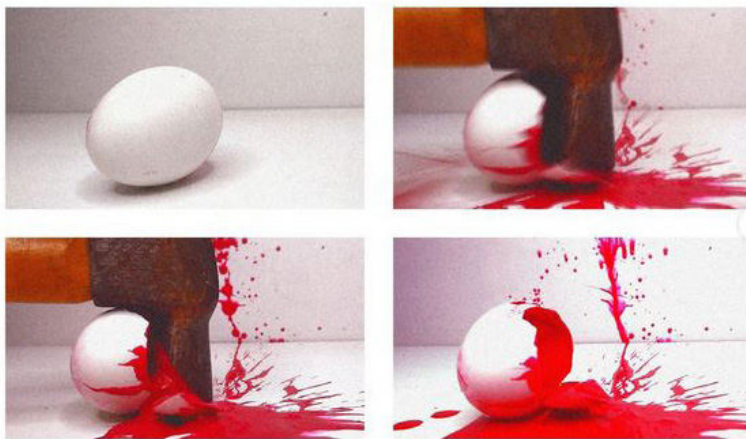
Inicie a conversa.



4 curtidas  
há 3 horas



Adicione um comentário...



bgelata · Seguindo



bgelata · 3 h

"Endless like an Egg", 2022

Vídeo arte, 28s

#arte #artecontemporanea #videoarte #art  
#contemporaryart

**Ainda não há nenhum  
comentário.**

Inicie a conversa.

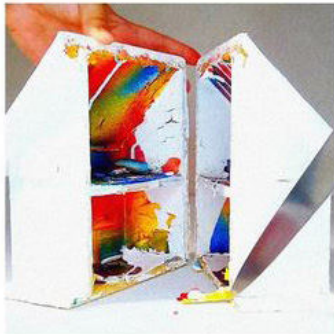


7 curtidas  
há 3 horas



Adicione um comentário...





bgelata • Seguindo



bgelata 3 h  
"Lar doce lar", 2022  
Vídeo arte, 5min40s

#arte #artecontemporanea #videoarte #art  
#contemporaryart

**Ainda não há nenhum  
comentário.**

Inicie a conversa.

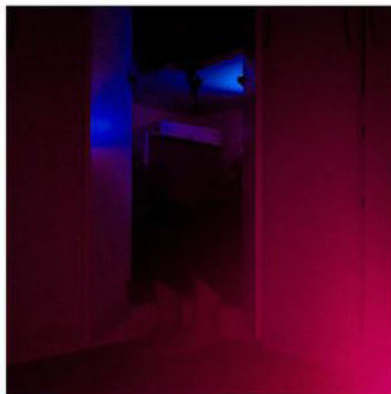
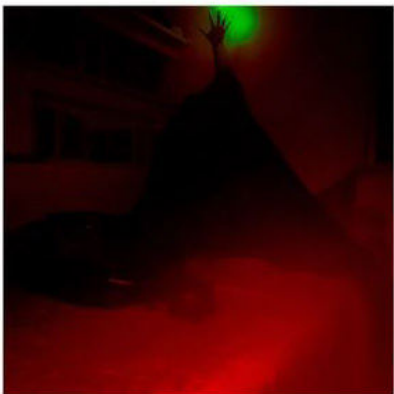


7 curtidas

há 3 horas



Adicione um comentário...



bgelata • Seguindo



bgelata 3 h  
"Sem título", 2023  
Fotografia digital

#arte #artecontemporanea #fotografia  
#photography #art #contemporaryart

**Ainda não há nenhum  
comentário.**

Inicie a conversa.



4 curtidas

há 3 horas




Adicione um comentário...





 bgelata · Seguindo ⋮

 bgelata · 3 h  
Série "Apagamento", 2023  
Fotografia impressa em transparência, 23 x 23 cm

#arte #artecontemporanea #fotografia #photography #art #contemporaryart  
[Ver tradução](#)

**Ainda não há nenhum comentário.**

Inicie a conversa.



 8 curtidas  
há 3 horas

 Adicione um comentário... 



 bgelata · Seguindo ⋮

 bgelata · 3 h  
Série "Anfitriões", 2023  
Técnica mista sobre tela, 50 x 40 cm

#arte #artecontemporanea #pintura #art #contemporaryart  
[Ver tradução](#)

**Ainda não há nenhum comentário.**


Inicie a conversa.



 7 curtidas  
há 3 horas

 Adicione um comentário... 



 bgelata - Seguindo ⋮

 bgelata 3 h  
"Bolha", 2023  
Técnica mista sobre chassi, 12 x 12 cm  
  
#arte #artecontemporanea #colagem  
#collage #art #contemporaryart  
Ver tradução

**Ainda não há nenhum comentário.**

Inicie a conversa.

 8 curtidas  
há 3 horas

 Adicione um comentário... 



 bgelata - Seguindo ⋮

 bgelata 3 h  
"Badalada da Meia Noite", 2024  
Técnica mista sobre tela, 20 x 20 cm  
  
#arte #artecontemporanea #pintura #art  
#contemporaryart  
Ver tradução

**Ainda não há nenhum comentário.**

Inicie a conversa.

 6 curtidas  
há 3 horas

 Adicione um comentário... 